

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE

USOS E NOÇÕES DO HIPERTEXTO NO AMBIENTE VIRTUAL DE
APRENDIZAGEM: análise a partir da visão dos professores conteudistas que atuam
na educação superior

LUCIANA DA SILVA

SÃO PAULO
2013

LUCIANA DA SILVA

**USOS E NOÇÕES DO HIPERTEXTO NO AMBIENTE VIRTUAL DE
APRENDIZAGEM:** análise a partir da visão dos professores conteudistas que atuam
na educação superior

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação da Universidade Nove de Julho – linha de pesquisa em Práticas Educacionais – como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora Prof^a. Dr^a. Margarita Victoria Gomez.

SÃO PAULO

2013

Silva, Luciana da.

Usos e noções do hipertexto no ambiente virtual de aprendizagem: análise a partir da visão dos professores conteudistas que atuam na educação superior./ Luciana da Silva. 2013.

82 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2013.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Margarita Victoria Gomez.

LUCIANA DA SILVA

**USOS E NOÇÕES DO HIPERTEXTO NO AMBIENTE VIRTUAL DE
APRENDIZAGEM:** análise a partir da visão dos professores conteudistas que atuam
na educação superior

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-graduação da Universidade
Nove de Julho – linha de pesquisa em Práticas
Educacionais como parte das exigências para
obtenção do título de Mestre em Educação.

São Paulo, 17 de Abril de 2013.

Aprovação em: _____

Professora Dr^a. Margarita Victoria Gomez – UNINOVE

Professora Dr^a. Patrícia Horta Alves – UFPE

Professor Dr. Maurício Pedro da Silva – UNINOVE

Professor Dr. Jason Mafra – UNINOVE – Suplente

Dedico este trabalho a todas as pessoas que direta ou indiretamente me apoiaram: meus pais, minhas irmãs Lucinéia e Aparecida, ao meu cunhado Célio, ao meu namorado Marcelo e aos meus amigos e professores que me fortaleceram nesta jornada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida, pela saúde, pela proteção e pela oportunidade de realizar este sonho;

Aos meus pais pelo amor, pelo apoio e, principalmente, por terem me ensinado valores que me tornaram a pessoa que sou;

À minha mãe e meu pai, de coração, Lucinéia e Célio, por sempre me apoiarem e por me tratarem como uma filha;

À minha irmã e madrinha, Aparecida, por todo amor, carinho e amparo;

Aos meus irmãos, Luiz Carlos e Sebastião pelo apoio;

Ao Marcelo, por ser este companheiro maravilhoso que trouxe luz para minha vida;

Aos meus amigos e amigas pelas palavras de incentivo e pelo apoio, em especial às minhas amigas Rosângela, Dalva e Fernanda;

Às minhas mães de coração: Dalva, Terezinha, Marlene, Marta Lúcia, Madrinha Dora, Célia Costa, Aninha Costa, Maria Helena, Sueli, Elbe, Paulina e Expedita;

À Professora Dr^a. Margarita Victoria Gomez pelo carinho, respeito, amizade e por contribuir significativamente com o avanço da minha leitura de mundo;

A todos os educadores que fizeram parte da minha vida, em especial: Maria José Calçado, Vânia Paiva, Vanderléa Paiva, Luzia, Angelita, Adailsom, Maria Amélia Vanelli, Cláudia, Carla, Alice Inês, José Geraldo Araújo, Roberto Barbieri, Maria Estela de Freitas, Maria Fernanda Dias Paes, Antônio Joaquim Severino, José Eustáquio Romão, Adriano Nogueira, Jason Mafra, Marcos Lorie e Carlos Bauer;

E, finalmente aos membros da banca pelo pronto atendimento ao convite e a todos os colegas e professores do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Nove de Julho – UNINOVE – SP.

“Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso, eu amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo, que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade”.

Paulo Freire

RESUMO

Esta pesquisa analisou os usos e as noções do hipertexto a partir da visão e da atuação dos professores conteudistas do curso de especialização Mídias na Educação, ofertado no ambiente virtual de aprendizagem (AVA) por uma universidade federal participante do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB). A pesquisa qualitativa foi realizada por meio de um estudo de caso que se utilizou da investigação bibliográfica, de um questionário, da observação e de uma entrevista. A partir da análise interpretativa do conteúdo dos dados obtidos, constataram-se as noções e as práticas dos professores conteudistas em relação à escrita e à leitura hipertextual na elaboração do material didático do curso pesquisado. De acordo com os Referenciais de Qualidade da Educação a Distância do Ministério da Educação e Cultura (MEC), o conteudista atua na elaboração do conteúdo proposto nas aulas virtuais de uma disciplina do curso na modalidade de educação a distância. É na relação entre Educação e Comunicação que se procurou analisar o uso do hipertexto como interface para a pesquisa e para a construção colaborativa do conhecimento. Buscou-se discutir a tensão gerada entre a pedagogia sustentada em conteúdos, criticada por Paulo Freire, e a pedagogia da virtualidade. Esta pedagogia apresenta particularidades que nos permitem pensar o uso do hipertexto na educação a distância virtual com o objetivo de contribuir com as áreas de conhecimento que estudam esta modalidade de ensino.

Palavras-chave: Professor conteudista, hipertexto, educação superior virtual.

ABSTRACT

This study examined the habits and notions of hypertext from the perspective of teachers who work in specialization course Media in Education, held in virtual learning environment (VLE) in the context of a university participant System Open University of Brazil (UAB). The qualitative research was conducted through a literature search, a questionnaire and an interview. With the interpretive content analysis of the data obtained through these instruments was found with teachers notions and practices that have in relation to writing and reading hypertext which constitutes learning object. According to the Benchmarks of Quality Distance Education MEC, is that the content-professional with a multidisciplinary team is responsible for the content of the proposed virtual classroom discipline course in distance education mode. It is the relationship between education and communication which sought to analyze the use of hypertext as an interface for searching and for building collaborative knowledge. We tried to discuss the content or pedagogy sustained in content by Paulo Freire. Examined whether this exists in virtual education pedagogy to think the pedagogical use of hypertext in this new type of education, this systematic study, which aims to contribute to this area of knowledge.

Keywords: content teacher, hypertext, virtual higher education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 - A INTERAÇÃO ENTRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO.....	17
1.1 COMUNICAR PARA EDUCAR E EDUCAR PARA COMUNICAR: PILARES DA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA.....	17
1.2 EDUCOMUNICAÇÃO E MÍDIA-EDUCAÇÃO.....	18
1.2.1 Educomunicação: um campo de mediações.....	19
1.2.2 Mídia-Educação: estudos e políticas na formação dos educadores.....	20
1.3 A FILOSOFIA FREIRIANA: IDEIAS ANTIGAS E ATUAIS.....	21
1.3.1 O diálogo e a comunicação em Paulo Freire.....	22
1.3.2 O <i>que-fazer</i> e o <i>quefazer</i> em Paulo Freire.....	25
CAPÍTULO 2 - HIPERTEXTO: INTELIGÊNCIA COLETIVA NO CONTEÚDO DO MATERIAL DIDÁTICO DA EDUCAÇÃO VIRTUAL.....	28
2.1 DO TEXTO IMPRESSO AO HIPERTEXTO.....	28
2.1.1 Hipertexto: Conceito e origem.....	30
2.1.2 Hipertexto na Educação em rede.....	34
2.2 A INTELIGÊNCIA COLETIVA POR MEIO DO HIPERTEXTO.....	35
CAPÍTULO 3 – O PAPEL DO PROFESSOR CONTEUDISTA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA VIRTUAL.....	38
3.1 O VIRTUAL NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA.....	38
3.2 O PROFESSOR CONTEUDISTA – AUTOR OU MONTADOR DE TEXTOS HIPER?... ..	41
3.3 O PROFESSOR CONTEUDISTA NA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL.....	43
3.4 A PEDAGOGIA DA VIRTUALIDADE: DIALOGICIDADE NA ATUAÇÃO DO CONTEUDISTA.....	48
CAPÍTULO 4– A ATUAÇÃO DO CONTEUDISTA: USOS E NOÇÕES DO HIPERTEXTO NA ELABORAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO.....	52
4.1 OS PROFESSORES CONTEUDISTAS.....	53
4.2 OS USOS E AS NOÇÕES DO HIPERTEXTO.....	54
CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	69
BIBLIOGRAFIA.....	70
ANEXOS.....	75

INTRODUÇÃO

No legado pedagógico de Paulo Freire, constatamos que é necessário que o educador conheça e faça um uso consciente das inovações de seu tempo. Para Freire, ser contemporâneo à realidade cultural implica identificar e respeitar a cultura, a linguagem e as experiências de vida do educando, assim como todos os tipos de diferença existentes no espaço e no tempo escolar.

A partir daí, Freire afirma que é possível estabelecer o diálogo entre educador e educando para tornar as práticas pedagógicas, as estratégias e os conteúdos curriculares mais significativos para os alunos. Por acreditar que a instituição escolar é um espaço de mediações e que a educação ocorre além dela, Freire considera que o relacionamento entre educandos e educadores deve ser construído com base na cultura contemporânea por meio de uma forma de comunicação que promova a construção colaborativa do conhecimento. Em consequência disto, para Freire, a atuação dos educadores, assim como de qualquer pessoa que se engaje em um processo educativo, deve se pautar no *quefazer* dialógico e emancipador.

Preocupações ligadas à minha vida discente e à minha formação como comunicadora social me levaram a propor, nesta pesquisa, indagar e analisar as relações entre comunicação e educação no Ambiente Virtual de Aprendizagem, no que se refere aos usos e noções do hipertexto no ambiente virtual de aprendizagem a partir da visão dos professores conteudistas do curso analisado.

Especificamente, indagou-se junto aos professores nomeados de conteudistas (os profissionais que desenvolvem os materiais com os conteúdos de estudo das disciplinas ministradas no ambiente virtual) que conhecimentos possuem em relação à escrita e à leitura hipertextual, se usam e como usam o hipertexto para elaborar o material didático. Assim, verificou-se junto a estes profissionais quais conhecimentos possuem sobre o hipertexto e de que forma utilizam este recurso como objeto de aprendizagem e instrumento de ampliação do espaço educativo no ciberespaço.

A pesquisa qualitativa foi realizada por meio de uma revisão bibliográfica e do estudo de caso. Este tipo de estudo foi escolhido devido à complexidade das questões investigadas, as quais não se adequavam à pesquisa feita por meio de

experimentos ou de dados quantitativos. Assim, buscou-se responder questões ligadas ao “como” e “por que” em relação aos usos e noções do hipertexto na educação virtual por parte dos professores conteudistas.

Algumas das questões específicas que permearam a pesquisa foram: De que maneira os usos e noções do hipertexto tornam a ação comunicativa um ato educativo que pode contribuir para a educação emancipadora em rede? Como a participação do educando e do educador no quefazer educativo da cibercultura se vê enriquecida e facilitada com o uso pedagógico do hipertexto? De que maneira o hipertexto é entendido e desenvolvido pelos professores conteudistas para a aquisição de novas aprendizagens? O que caracteriza um professor conteudista no trabalho de desenvolvimento do texto hipertextual? Qual a contribuição do conteudista na educação virtual? Qual a novidade do ensino-aprendizagem por meio do uso do hipertexto? Será que estamos inaugurando uma pedagogia neoconteudista com a educação virtual? Discute-se a atuação do conteudista no cenário da educação contemporânea? A tecnologia a serviço do hipertexto seria usada como um objeto de ensino-aprendizagem que amplia o espaço de construção do conhecimento ou para validar determinados conteúdos rígidos e pré-estabelecidos?

O curso pesquisado, Mídias na Educação, é oferecido por uma universidade federal filiada ao sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB). Destina-se à formação continuada dos educadores que buscam aprender, conviver e lidar com questões filosóficas, pedagógicas e sociais ligadas ao uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC's) nas suas práticas educativas.

Este curso foi criado em 2006 pela Secretaria de Educação a Distância do Ministério da Educação (SEED/MEC) e faz parte da UAB desde 2009. Ofertado em aproximadamente 40 universidades públicas, objetiva contribuir para a inserção das mídias nas práticas educativas escolares. Especificamente, trabalha as linguagens das quatro mídias básicas: impressa, TV/vídeo, rádio e informática, por meio da formação de professores, em nível de extensão e de especialização a partir de uma perspectiva crítica e autoral.

Nesta formação se estabelecem estreitas relações entre comunicação, cultura digital e educação por meio do uso das TIC's no processo educacional e na

formação humana integral. Ou seja, o programa do curso destaca-se porque ao mesmo tempo em que investe na formação continuada dos profissionais da educação, também ensina e potencializa o uso pedagógico das tecnologias da informação e da comunicação na educação formal.

O curso tem duração de 18 meses e carga horária de 360 horas, com atividades e avaliações realizadas totalmente a distância. Ocorrem somente 3 encontros presenciais para orientação e defesa do trabalho de conclusão de curso que são previamente programados.

A matriz curricular do curso é estruturada por meio de 13 disciplinas:

- Módulo introdutório de integração das mídias na educação;
- Módulo referente à mídia impressa;
- Módulo de TV e vídeo;
- Módulo referente ao rádio;
- Módulo de informática;
- Módulo de gestão integrada das mídias na educação;
- Oficina de TV e vídeo;
- Convergência das mídias;
- Linguagens da mídia impressa: escrita e visual;
- Vivência no desenvolvimento de projetos com mídias integradas na educação;
- O uso de blogs, flogs e webquest na educação;
- Metodologia da pesquisa científica;
- Multimídia educacional e *softwares* de autoria.

A elaboração dos conteúdos das disciplinas deste curso é feita por professores conteudistas, que são professores concursados e também professores bolsistas.

O material didático é composto por textos, vídeos, atividades interativas e avaliações. Também possui planos, conteúdos de estudo, atividades para os alunos, guias e manuais para norteá-los no andamento da disciplina. Este material é disponibilizado em sua íntegra na plataforma moodle segundo os critérios definidos no Projeto Básico do curso.

Os professores conteudistas, responsáveis por planejar e desenvolver os conteúdos das disciplinas, atuam sob a orientação e acompanhamento do coordenador do curso e junto com uma Equipe Multidisciplinar da UAB para oferecer o suporte técnico de elaboração e formatação. Esta equipe é composta de docentes da área específica e de pedagogos (especialistas, mestres e doutores), bacharéis e técnicos em informática, secretários, digitadores, estagiários (discentes), editores, diagramadores, ilustradores, revisores de língua portuguesa (docentes), profissionais de artes gráficas e outros. Estes profissionais garantem que cada layout apresente o conteúdo produzido pelos conteudistas e também envolva o aluno na sua experiência de leitura e construção do conhecimento.

Sete Professores conteudistas do curso Mídias na Educação responderam a um questionário organizado em três partes: questões referentes à identidade dos professores, questões relativas às noções e ao uso do hipertexto no material didático e sobre a atuação dos professores conteudistas na educação virtual. Dentre eles, cinco são docentes concursados e dois são colaboradores bolsistas da UAB.

Estes professores conteudistas são responsáveis pela concepção teórica e pela estruturação pedagógica da disciplina. Organizam e selecionam os conteúdos e as estratégias de ensino-aprendizagem, que são sistematizadas em um livro didático. Além disso, exercem as funções de professor formador ou de tutor e orientam outros profissionais nas questões relativas ao desenvolvimento dos conteúdos programáticos, aos processos de ensino-aprendizagem e à avaliação.

Os dados referentes às noções e aos usos do hipertexto na educação virtual, por parte dos professores conteudistas, foram interpretados de acordo com o quadro teórico abaixo:

- Paulo Freire: sobre as relações entre Educação e Comunicação e sobre a Educação emancipadora contrária ao depósito de conteúdos. Categorias: dialogicidade, didiscência e quefazer;
- Pierre Lévy: sobre o hipertexto na construção de conhecimentos e mudanças no processo de ensino-aprendizagem na “era digital”. Categorias: hipertexto, Inteligência Coletiva e Ciberdemocracia.
- Margarita Victoria Gomez: educação em rede e Pedagogia da Virtualidade;
- Maria Luíza Belloni: sobre a perspectiva Mídia-Educação;

- Adilson Citelli e Ismar de Oliveira Sores: sobre Educomunicação;
- Referenciais de qualidade para a educação a distância no Brasil.

Considera-se importante o estudo da inter-relação da Educação e Comunicação no contexto da cibercultura, porque na sociedade atual torna-se imprescindível a reflexão sobre as implicações desta nova cultura nas diversas modalidades de ensino e principalmente naquelas que ocorrem no ambiente virtual. Assim, por meio da interação destas duas áreas do conhecimento, pesquisou-se de que modo o hipertexto pode atuar na educação virtual como meio de comunicação e produção de conhecimento.

Neste sentido, este estudo envolve questões filosóficas, pedagógicas e sociais ligadas às práticas do professor conteudista na cibercultura. Por isso, pesquisou-se o uso do hipertexto na elaboração do material didático na modalidade de ensino virtual, em relação à dialogicidade estabelecida por meio da escrita e leitura não lineares.

Esta pesquisa partiu da filosofia Freiriana para compreender a interação entre Educação e Comunicação na busca pela educação libertadora. Esta forma de conceber a relação entre estas duas áreas é pautada no contexto histórico-cultural dos envolvidos no processo educativo. Ou seja, uma perspectiva que valoriza a comunicação construtivista e multicultural, que leva em consideração os elementos que interferem na recepção e interpretação das mensagens por parte dos educandos. Além disso, esta abordagem propõe o engajamento político e a transformação social por meio da compreensão e apropriação das novas linguagens e da mídia, enfatizando a inter-relação entre a educação e comunicação para concretização deste propósito.

Neste sentido, foi viável estudar a forma com que as informações, os conhecimentos, a interatividade e a coprodução do conhecimento se desenvolvem por meio da hipertextualidade. Constatou-se que além de encurtar as distâncias espaciais e temporais, o hipertexto, como de um meio de comunicação, pode contribuir com a formação humana para a luta pela vida social mais democrática.

Na pesquisa bibliográfica, percebeu-se que a Educomunicação e a Mídia-Educação, que são correntes que estudam as relações entre Educação e

Comunicação, defendem ideias semelhantes àsquelas praticadas por Paulo Freire, pois visam promover a educação, de forma libertadora, por meio do uso adequado da mídia e das tecnologias da informação. Assim, as diferentes práticas educativas destas duas perspectivas de estudo, visam à formação do ser humano para a sua autoconscientização e para o exercício da cidadania.

Além de estudarem a educação pelas mídias e educação para as mídias, estas perspectivas também pesquisam as mudanças sociais e culturais ligadas às formas de ensinar e aprender na sociedade da informação e do conhecimento. Assim, as contribuições da Mídia-educação e da Educomunicação me ajudaram a encontrar respostas para minhas inquietações ligadas ao uso do hipertexto na educação virtual.

Para contribuir com o leitor, a dissertação foi organizada em 05 capítulos mencionados a seguir: Capítulo 1 - A interação entre comunicação e educação na sociedade da informação e do conhecimento; Capítulo 2 - Hipertexto: inteligência coletiva no conteúdo do material didático da educação virtual; Capítulo 3 – O papel do professor conteudista na educação a distância virtual; Capítulo 4 – A atuação do conteudista: usos e noções do hipertexto na elaboração do material didático; Capítulo 5 – Considerações finais.

CAPÍTULO 1 - A INTERAÇÃO ENTRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO

1.1 COMUNICAR PARA EDUCAR E EDUCAR PARA COMUNICAR: PILARES DA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA

Educação e comunicação social são interdependentes no que diz respeito à formação da mulher e do homem para viverem conscientemente em sociedade, pois ambas os possibilitam conhecerem e refletirem sobre o meio em que se inseriram. Assim, podem criar, interiorizar e modificar significados e representações simbólicas, transformando as normas de comportamento socialmente estabelecidas para estabelecerem o exercício da cidadania.

Neste sentido, o diálogo entre comunicação e educação é imprescindível à reorientação da vida social na atualidade, pois a aproximação entre estas duas áreas do conhecimento pode criar um discurso escolar crítico, transformador e comprometido com a formação dos alunos para atuarem de forma consciente.

Citelli (2004) considera que as instituições educativas, como espaços de mediações, devem reestruturar os mecanismos de ministrar informações e conhecimentos a partir das relações entre a Comunicação e a Educação. O autor acredita que a hegemonia da educação institucionalizada na formação do ser social sofre influência de outras instituições formadoras permeadas pelas diversas formas e meios de comunicação presentes na sociedade contemporânea.

No que diz respeito à influência dos meios de comunicação na educação, Citelli (2004) considera que as experiências videotecnológicas já estão presentes no universo escolar, pois educadores e educandos convivem com mensagens disseminadas pelas diversas mídias em seu contexto sociocultural. Estas influenciam as atitudes e os comportamentos dos alunos, logo devem atuar nas tomadas de decisão relacionadas às práticas e ao discurso pedagógico adotado pelos docentes. Neste sentido, o autor evidencia a necessidade da reestruturação das instituições formais de educação para conviver e usar criticamente a linguagem midiática e as novas tecnologias da informação e comunicação. Citelli afirma:

... é preciso reconhecer que a sociedade requisita a ampliação dos papéis e uma certa redefinição de propósitos da educação escolar em nosso tempo. Daí o imperativo de situar as salas de aula na rota onde se cruza as mensagens dos *media*; as novas tecnologias em suas múltiplas tessituras sógnicas; as lógicas geradoras de ensino-aprendizagem que escapam à tradição quase única do enciclopedismo ainda em vigência nas escolas; as sociabilidades marcadas, hoje, por outros modos de ver, sentir e compreender, sobretudo resultantes das linguagens audiovisuais e das aberturas surgidas com a informática. (CITELLI, 2004 p. 140-141)

Em relação aos educadores, o referido autor propõe a formação continuada, visando não somente prepará-los para a utilização das tecnologias da informação e comunicação, mas principalmente para promover a compreensão sobre os processos históricos que incidem sobre as transformações tecnológicas e sobre o papel dos meios de comunicação na educação atual. Por isso, o uso dos meios impressos, audiovisuais e telemáticos na educação, além de contribuir para o processo de ensino-aprendizagem de conteúdos curriculares, deve possibilitar aos educandos refletirem sobre a sociedade.

As tecnologias da informação e comunicação possibilitam ao educador desenvolver metodologias e práticas pedagógicas que trabalhem questões políticas inerentes à realidade do educando. Assim, pode ser fortalecida a capacidade de análise crítica sobre a sociedade e, conseqüentemente, motivar o engajamento dos educandos na luta por mudanças e transformações sociais.

Neste sentido, os educadores, os educandos e os comunicadores devem desenvolver políticas de valorização da comunicação defendida por Freire em todas as modalidades de ensino e formação humana. Devem atentar para o fato de que o início de tudo é a alfabetização proposta por Paulo Freire, aquela em que a escrita e a leitura são atos políticos que possibilitam à mulher e ao homem criarem, disseminarem e refletirem sobre fatos, ideias e conhecimentos para construírem a cidadania.

1.2 EDUCOMUNICAÇÃO E MÍDIA-EDUCAÇÃO

A Educomunicação e a Mídia-Educação se sustentam nas ideias e práticas defendidas por Paulo Freire diante das relações entre Comunicação e Educação, pois visam promover a educação cidadã pelo uso consciente dos meios de

comunicação. Elas pesquisam as mudanças sociais e culturais nas formas de ensinar e aprender interativas criadas por meio da apropriação crítica das TIC'S pelos educadores.

Assim, os estudos e as práticas educativas destas áreas de pesquisa, ligados aos modelos presenciais ou aos virtuais, visam à formação do ser humano para atuarem de forma consciente na sociedade. Em consequência disto, justifica-se o estudo sobre o uso delas nesta pesquisa.

1.2.1 Educomunicação: um campo de mediações

A Educomunicação é considerada pelos seus estudiosos como um novo paradigma epistemológico para o estudo da inter-relação da Comunicação e Educação que está se desenvolvendo fortemente na América Latina.

Este neologismo foi criado por Mário Kaplún por meio de estudos e projetos socioeducativos. No Brasil, a Educomunicação é estudada e desenvolvida pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

Além de atuarem nas escolas públicas do Brasil, os educadores também desenvolvem projetos de sucesso no exterior, fato que fez com que a Educomunicação ganhasse legislação específica na cidade de São Paulo e conquistasse um curso de licenciatura na USP.

A Educomunicação analisa as relações entre Comunicação e Educação por meio de uma perspectiva construtivista e multiculturalista, partindo da influência do contexto sociocultural nas relações que os receptores estabelecem com os meios de comunicação e com as mensagens.

Propõe o engajamento político dos cidadãos na busca da transformação social por meio da compreensão e apropriação das novas linguagens comunicativas. Soares (2011 p. 11) afirma que a Educomunicação pratica “ações que produzem o efeito de articular sujeitos sociais no espaço da interface Comunicação/Educação”.

Assim, a Educomunicação pode atuar como política educacional, pois desenvolvem estudos, projetos e ações que enfatizam a importância da expressividade dos educandos e educadores, visando promover o envolvimento

deles na construção de uma prática educacional culturalmente significativa. Ao delinear caminhos para as relações entre Comunicação na Educação, a Educomunicação enfatiza o papel central desta interação: a formação cidadã e contínua do educando dentro e fora das instituições escolares. Deste modo, a Educomunicação promove interfaces sociais, culturais e políticas no espaço e no tempo escolar.

Neste sentido, a inter-relação entre Comunicação e Educação é trabalhada pelos educadores como uma possibilidade para que a educação seja significativa e promova mudanças positivas no âmbito sociocultural do educando.

1.2.2 Mídia-Educação: estudos e políticas na formação dos educadores

A Mídia-Educação estuda as relações entre Comunicação e Educação como ferramenta pedagógica, a fim de aproveitar suas potencialidades na formação dos educandos para a cidadania. Assim, estuda estas relações com o objetivo de formar os educadores para eles fazerem a mediação pedagógica do uso das TIC's no processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com a perspectiva Mídia-Educação, a comunicação deve ser estudada e empregada no processo educativo por meio de uma pedagogia própria. Assim, a entrada dos meios de comunicação na educação deve primar pela luta por políticas públicas que garantam a formação de educadores que sejam capazes de educar para a cidadania e para o uso criativo e crítico das TIC's.

Belloni (2005) acredita que as instituições escolares devem assumir a responsabilidade de integrar as tecnologias da informação e comunicação no processo de ensino-aprendizagem de forma pedagógica e para isso precisam se abrir para a reflexão filosófica. Belloni (2005, p. 44) afirma que “responsável pela elaboração das aprendizagens e pela coerência da informação, a escola detém a legitimidade cultural e as condições práticas de ensinar a lucidez às novas gerações”.

Deste modo, a perspectiva Mídia-Educação acredita que as tecnologias da informação e comunicação são mediadoras do processo de ensino aprendizagem, por isso, devem ser usadas para instaurar a comunicação horizontal e colaborativa

para formar sujeitos ativos, críticos e conscientes do papel que as novas tecnologias podem desempenhar na sua formação. Assim, para Belloni, a EaD pode usar a tecnologia hipertextual para oferecer ao educando a oportunidade de realizar sua aprendizagem de modo interativo e cooperativo.

Neste sentido, a Mídia-Educação pode dar contribuições para o uso do hipertexto na educação virtual por parte dos professores conteudistas, pois estuda o uso da mídia e das tecnologias como possibilidade para emancipar o educando e o educador diante da construção democrática do conhecimento e da cidadania na “era digital”.

1.3 A FILOSOFIA FREIRIANA: IDEIAS ANTIGAS E ATUAIS

De acordo com Paulo Freire, a educação libertadora deve se pautar na valorização do cotidiano do aluno e na construção de uma práxis educativa que estimule a sua consciência crítica para torná-lo sujeito de sua própria história. Freire defende que o diálogo amoroso entre educador e educando faz do educador um mediador, que ensina e também aprende, e do educando um agente no processo educativo.

Neste sentido, Freire enfatiza a importância da comunicação nas relações e práticas educativas. Freire considera que a educação não pode ser bancária, ou seja, não pode ser o ato em que o professor deposita conceitos e saberes no aluno, mas sim uma relação dialógica.

De acordo com a pedagogia de Paulo Freire, o educador bancário faz depósitos de conteúdos no educando. Tais conteúdos podem ser desprovidos de relações com a vida real, isso interfere no pensamento, na consciência e nas atitudes dos educandos. Como consequência disso, ele apenas interioriza os conteúdos, mas não adquire uma visão de mundo emancipadora, porque não foi levado a desenvolver a sua consciência crítica.

Para Freire, com o diálogo cria-se um espaço na educação para que o educando apreenda os conteúdos concomitantemente com a descoberta da sua realidade, levando-o a assumir uma participação política no processo educativo capaz de vencer a educação bancária.

Freire considera que o processo de ensino-aprendizagem deve ocorrer por meio da problematização para que os conteúdos não sejam separados das experiências e da realidade social do educando. Para Freire problematizar faz com que o aluno perceba a realidade dos fatos de forma mais aprofundada e autêntica, propiciando o domínio do conhecimento de forma contextualizada e reflexiva.

Deste modo, qualquer modalidade de educação para ser emancipadora precisa basear-se na maior valorização do educando e de sua realidade, contrapondo o ensino conteudista que é desprovido de engajamento social. Assim, as atuais modalidades de educação (EaD, educação virtual, educação on-line) que usam as TIC's, precisam ser repensadas para alcançarem posturas, práticas e metodologias capazes de desenvolver a educação dialógica proposta por Freire.

1.3.1 O diálogo e a Comunicação em Paulo Freire

O legado de Paulo Freire pode ser entendido como teorias, filosofias e práticas transdisciplinares e transversais que buscam o diálogo para despertar nos educadores e educandos a esperança da construção de um mundo melhor, em que cada um seja sujeito das transformações sociais e políticas por meio da tomada de atitude baseada na conscientização.

De acordo com Freire somente na comunicação tem sentido a vida humana. Assim, a filosofia freiriana considera o diálogo como responsável pela formação do aluno para viver, pensar e agir de forma consciente e autônoma diante dos poderes dominantes.

Segundo Freire (1979, p. 69) “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. Desse modo, Freire considera que na comunicação é preciso haver reciprocidade entre os envolvidos no processo. Assim, emissor e receptor devem agir e reagir de forma consciente e significativa, estabelecendo convenções e interpretando-as, para que a comunicação seja educativa. O autor afirma que:

Comunicar é comunicar-se em torno do significado significante. Desta forma, na comunicação, não há sujeitos passivos. Os sujeitos co-

intencionados ao objeto de seu pensar se comunicam seu conteúdo. O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicação. É indispensável ao ato comunicativo, para que este seja eficiente, o acordo entre os sujeitos, reciprocamente comunicantes. Isto é, a expressão verbal de um dos sujeitos tem que ser percebida dentro de um quadro significativo comum ao outro sujeito. (FREIRE, 1979, p. 67)

Freire (1979) analisou o sentido sociológico e antropocultural da comunicação e propôs um novo conteúdo programático para a Educação com o objetivo que o aluno fosse desafiado a interagir e cooperar com o processo de ensino-aprendizagem. Para Freire (2005, p. 74) “O pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação”.

Segundo o autor, a comunicação e a educação estão interligadas e podem transformar os seres humanos em sujeitos conscientes, livres e socialmente ativos. Por isso, é necessário que o educador conheça a sua realidade e a do educando, a fim de identificar a bagagem cultural dos alunos para usar metodologias baseadas na linguagem e nas experiências de vida deles no processo educativo. A partir daí, Freire afirma que é possível tornar as didáticas, as práticas pedagógicas e os conteúdos curriculares mais significativos para os alunos.

Em consequência disso, Freire considera que é necessário adotar uma comunicação com a qual se possa levar à ação e à reflexão para vencer o desamor do antidiálogo no processo educativo. Freire considera que:

... ambas, ação e reflexão, unidade que não deve ser dicotomizada. Para isto, contudo, é preciso que creiamos nos homens oprimidos. Que os vejamos como capazes de pensar certo também. Se esta crença nos falha, abandonamos a idéia ou não a temos, do diálogo, da reflexão, da comunicação e caímos nos slogans, nos comunicados, nos depósitos, no dirigismo. Esta é uma ameaça contida nas inautênticas adesões à causa da libertação dos homens. (FREIRE, 2005, p. 60)

Assim, o autor acredita que é por meio da comunicação e do relacionamento amoroso que a mulher e o homem descobrem a sua necessidade de sociabilidade, de tomada de consciência, de autonomia e de liberdade. Freire (1979, p. 78) afirma que “Educador-educando e educando-educador, no processo educativo libertador, são ambos sujeitos cognoscentes diante de objetos cognoscíveis, que os

mediatizam”. Assim, a participação ativa dos alunos no processo de ensino-aprendizagem é condição imprescindível à aquisição dos conhecimentos por parte do educando e ao desenvolvimento profissional do educador.

Neste sentido, Freire acredita que todo novo conhecimento deve ser construído por meio da didascência, uma prática que valoriza toda a bagagem de experiências e conhecimentos do educando para que ele, além de aprender, também ensine no processo educativo. Assim, educador e educando podem se relacionar de forma valorativa e humanista durante a busca pelo conhecimento, construindo uma educação gnosiológica e libertadora.

Educar é educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a “sede do saber”, até a “sede da ignorância” para “salvar”, com este saber, os que habitam nesta. Ao contrário, educar é educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais. (FREIRE, 1979, p. 25)

De acordo com Gomez (1999), na década de 60, Paulo Freire já defendia a utilização das tecnologias presentes no tempo e espaço do cotidiano do educando no processo de ensino-aprendizagem. Assim, defendia a ação educativa em ambientes interativos e comunicativos em que educador e educando aprendiam juntos.

Freire (2005) propõe a entrada dos meios de comunicação em sala de aula, como didática usada na alfabetização de adultos, com a finalidade de fomentar a discussão e a leitura crítica da realidade sociocultural e política dos educandos para que façam a leitura da palavra e a leitura de mundo de forma dialética. Deste modo, o tempo e o espaço escolar podem se abrir de forma mais engajada e consciente para tratar questões sociais, políticas, culturais e artísticas necessárias às tomadas de consciência para o exercício da cidadania.

Paulo Freire defendia o uso de novas tecnologias, principalmente o vídeo, a TV e, mais tarde, a informática com o objetivo de motivar educadores e educandos a ressignificarem o processo de construção do conhecimento. Por isso, os educadores, comunicadores e a sociedade como um todo devem refletir e

desenvolver políticas de valorização do ato de ler e de escrever (um mundo novo) por meio dos diversos meios de comunicação.

Neste sentido, é necessário adotar uma visão reflexiva sobre o papel que as interações entre Comunicação e a Educação exercem sobre as diversas modalidades de educação. É importante analisá-las como um espaço de mediação capaz de levantar a questão sobre a natureza do diálogo existente entre educandos e educadores na educação na “era digital”.

Assim, o ensino-aprendizagem deve ocorrer por meio da dialogicidade para que o educando pratique a atitude de “pensar certo” a fim de “ser mais”. Deste modo, os educadores precisam ter uma formação continuada, visando não somente a preparação para a utilização das TIC’s, mas principalmente para compreenderem os processos históricos e culturais que incidem sobre os usos das tecnologias na educação e sobre o papel que desempenham na formação dos educandos.

Atualmente, a dialogicidade é estendida ao ambiente digital em rede, pois o hipertexto possibilita a interação entre educador e educando de forma democrática. Assim, é preciso repensar a escrita e a leitura nos diversos espaços hipertextuais e valorizá-las como instrumentos que podem auxiliar a formação do ser social para o exercício da cidadania.

1.3.2 O *que-fazer* e o *quefazer* em Paulo Freire

De acordo com Freire, as relações humanas no mundo e com o mundo atuam no processo de ensino-aprendizagem, por isso, o contexto social, marcado pelas mudanças histórico-culturais, deve ser ponto de partida para as reflexões sobre os tipos de *que-fazer/quefazer* adotados na educação pelos professores. Freire (1979) discorre sobre o significado dos termos *que-fazer* e *quefazer*, enfatizando que o tipo de comunicação e de objetivo diferencia um do outro. Assim, o primeiro é baseado na opressão, já o segundo busca a emancipação do educando.

As considerações de Paulo Freire são tecidas por meio de uma perspectiva que valoriza a comunicação nas relações humanas e na construção dos saberes. Assim, Freire (1979) reflete sobre a comunicação diante do relacionamento “homem-

homem” e “homem-mundo”, em que a mulher e o homem descobrem a sua necessidade de sociabilidade.

Freire enfatiza que toda forma de educação e de ensino deve ser baseada na comunicação, pois ao se tornar um comunicador também se torna um educador. Freire (1979, p. 24) considera que “como educador, se recusa a ‘domesticação’ dos homens, sua tarefa corresponde ao conceito de comunicação, não ao de extensão”. Assim, quando Paulo Freire emprega o termo *quefazer* (grafia junta) refere-se à dialogicidade em qualquer processo educativo e ao usar *que-fazer* (grafia separada) está se referindo ao conceito de antidualogicidade. O *que-fazer* e o *quefazer* dizem respeito, respectivamente, às formas bancária e libertadora adotadas no processo de ensino. Sobre a relação que a antidualogicidade e a dialogicidade possuem com estes termos, Freire (1979) afirma:

A antidualogicidade e a dialogicidade se encarnam em maneiras de atuar contraditórias, que, por sua vez, implicam em teorias igualmente inconciliáveis. Estas maneiras de atuar se encontram em interação; umas no *que-fazer* antidualógico; outras, no dialógico. Dêste modo, o que distingue o *que-fazer* antidualógico não pode ser constitutivo de um *quefazer* dialógico, e vice-versa. (FREIRE, 1979, p. 41)

Freire considera que no *quefazer* (grafia junta) há a valorização do educando pelo educador. Quando ocorre o contrário disso, o processo educativo é baseado no *que-fazer* (grafia separada) que é opressor e transforma o ser humano em objeto.

Neste sentido, o autor considera que o *que-fazer* se faz presente quando há a imposição, a transferência e o depósito de conteúdos, pois não existe diálogo, nem reflexão, tampouco troca de saberes no processo educativo. Este ensino tem a intenção de implantar formas de pensar, crer e de viver alheias à bagagem sociocultural dos aprendizes. Por isso, Freire acredita que esta educação é bancária porque o educando recebe passivamente os conteúdos curriculares.

Em contrapartida, Freire relaciona *quefazer* ao modo de atuar de um educador e não de adestrador, em que o processo educativo ocorre por meio da comunicação emancipadora. Este processo reforça a importância da comunicação no processo de ensino-aprendizagem, em que o educador deve instaurar o diálogo e tratar os educandos como seres humanos, e não como objetos. Neste contexto, a

construção do conhecimento ocorre por meio da colaboração do educador e do educando e pela dialética da leitura do mundo e da palavra.

Neste sentido, no *quefazer* não há separação e discriminação, pois todos os envolvidos no processo devem ser valorizados como detentores de conhecimentos e sabedoria. Assim, Paulo Freire acredita que nada deve impedir o diálogo entre aquele que ensina e aquele que aprende, mesmo porque para Freire, ambos ensinam e aprendem mutuamente na *discência*.

Freire (1979, p. 68) afirma que é equivocada a concepção de que a educação “é um ato de transmissão ou de extensão sistemática de um saber”. Por isso, acredita que o educador precisa construir uma educação gnosiológica problematizadora estruturada no *quefazer*.

...se a educação é esta relação entre sujeitos cognoscentes, mediatizados pelo objeto cognoscível, na qual o educador reconstrói, permanentemente, seu ato de conhecer, ela é necessariamente, em consequência, um *quefazer* problematizador. (FREIRE, 1979, p. 81)

Freire (1979) reforça sua reflexão sobre o verdadeiro *quefazer* na educação, acentuando os princípios e a fundamentação de uma educação que seja a prática da liberdade. Deste modo, enfatiza que a verdadeira educação é baseada no *quefazer* relacionado com a comunicação educativa e com a educação comunicativa. Este *quefazer* é capaz de criar práticas e conteúdos significativos para os alunos, Freire afirma que:

O conteúdo do *quefazer* educativo “nasce das relações com o mundo, e vai-se trans-formando, ampliando, na medida em que este mundo se lhes vai desvelando [...] Daí que o *quefazer* que se baseia nelas seja inteiramente o contrário da ação puramente extensiva dos conteúdos escolhidos por um de seus pólos. (FREIRE, 1979, p. 88)

Neste sentido, considerando que a produção hipertextual permite este *quefazer* e a comunicação democrática e a interação construtiva entre educandos e educadores, se o professor conteudista elaborar o material didático por meio do hipertexto poderá estabelecer a dialogicidade na formação do aluno. Assim, seu trabalho será construído por meio do *quefazer* emancipador defendido por Paulo Freire, este que encontra ressonância em Pierre Lévy.

CAPÍTULO 2 - HIPERTEXTO: INTELIGÊNCIA COLETIVA NO CONTEÚDO DO MATERIAL DIDÁTICO DA EDUCAÇÃO VIRTUAL

2.1 DO TEXTO IMPRESSO AO HIPERTEXTO

A comunicação e a vida em sociedade sofreram mudanças profundas na “era digital”. Linguagens, hábitos e formas de relacionamento interpessoal (que diminuem o tempo e o espaço) surgem com o novo espaço (ciberespaço) e com a nova cultura (cibercultura). Lévy (1993) considera que a convivência humana e a inteligência individual e coletiva são permeadas e condicionadas pelas novas tecnologias da comunicação e informação.

O texto escrito vem influenciando a vida em sociedade desde seu surgimento e com as TIC's torna-se um dos meios mais usados no relacionamento humano em todas esferas sociais. São diversas as formas de textos presentes no ciberespaço que modificaram a forma de comunicar, viver e conviver na “era digital” e dentre elas, o hipertexto se destaca por seu caráter investigativo, interativo e democrático.

Lévy (1993) analisa as formas de leitura e escrita criadas no ciberespaço por meio *do* hipertexto. Segundo ele, a hipertextualidade produz um novo modo de comunicar, de pensar e de viver em sociedade. Neste contexto, é preciso refletir sobre a influência do hipertexto no relacionamento humano, na educação, na produção e na disseminação de informações e conhecimento. Por isso, é importante analisar o papel que este meio de comunicação desempenha na educação virtual e como é utilizado pelos professores conteudistas no ambiente virtual de aprendizagem (AVA).

Ler e escrever são atitudes que fortalecem crenças, costumes e comportamentos, logo, considera-se que o modo de ser, pensar e agir do ser social sofreram mudanças com o desenvolvimento e evolução destas práticas. Deste modo, a cultura, as ideologias e os fatos sociais são criados, aprimorados e extintos a partir das diversas formas de escrita.

O ato de ler não se restringe a decodificar palavras, mas diz respeito à compreensão e reflexão sobre as representações simbólicas e sobre as experiências vivenciadas no decorrer da existência humana em sociedade. Segundo

Freire, a leitura da palavra está relacionada com a leitura do mundo, pois estas são interdependentes e permitem a transformação social quando realizadas de forma crítica e consciente.

De acordo com Paulo Freire, a leitura é um ato político, logo, se a leitura do mundo e da palavra atuarem juntas dentro de uma prática emancipadora, os educandos se constituirão cidadãos politicamente ativos e revolucionários.

Segundo Freire (1997, p. 11) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”. Assim, a compreensão e a leitura crítica exigem a interpretação das relações que permeiam o texto e o contexto.

Freire (1997) enfatiza a importância de se promover uma conscientização política por meio da leitura, ou seja, há que se criar um cenário de crítica à realidade social no processo educativo. Para o autor, o educador deve atuar com o propósito de construir junto aos educandos uma noção de historicidade, para que estes sejam capazes de pensar e de agir de forma consciente.

Como a leitura permite ao homem e à mulher “estar sendo” conscientemente no mundo, todos os códigos e imagens presentes no ambiente virtual precisam ser compreendidos para além da decodificação, ou seja, de maneira reflexiva e interpretativa. Segundo Gomez (2004, p. 22) “a maneira de realizar nossa leitura, nossa escrita, nossa fala na dinâmica do contexto multimidiático são coerentes com o nosso ser no mundo”.

Neste contexto, o hipertexto pode ser considerado como uma nova forma de ler a palavra e o mundo porque possui suporte informático (representação figurada, uso do mouse, “menus”, tela gráfica de alta resolução) que cria interfaces capazes de colocar o usuário no papel de leitor e escritor ao mesmo tempo. Deste modo, a hipertextualidade criou novas formas de trabalhar com a leitura e a escrita por meio de uma grande conectividade do ser humano com o mundo e com os saberes em tempo real de forma democrática.

Neste sentido, existem as possibilidades da leitura e escrita emancipadoras no ambiente virtual, pois o hipertexto permite o desenvolvimento cognitivo e o aprimoramento da habilidade investigativa, da capacidade de enfrentar obstáculos e

de se fazer descobertas de caráter intelectual, social, ideológico e político. Isso ocorre porque a sua estrutura em rizoma liberta o usuário da inércia e proporciona a aprendizagem constante e a construção do conhecimento de forma colaborativa.

2.1.1 – Hipertexto: Conceito, origem e princípios

O hipertexto e a hipermídia interativa levam adiante o processo de leitura e escrita no Ciberespaço. Segundo Levy (1996), se ler consiste em selecionar, em esquematizar, em construir uma rede de remissões internas ao texto, em integrar as palavras e as imagens a uma memória pessoal em reconstrução permanente, então os dispositivos hipertextuais constituem de fato uma espécie de objetivação, de exteriorização e de virtualização dos processos de leitura.

De acordo com Lévy (1993), Vannevar Bush anunciou a ideia de hipertexto em um célebre artigo intitulado *As We May Think* em 1945. Bush defendia que a mente humana funcionava através de associações, por esse motivo desenvolveu o Memex, espécie de memória auxiliar do cientista.

As conexões propostas por Bush ainda não se chamavam hipertexto, mas tinham como objetivo criar uma memória auxiliar, que seria capaz de ajudar os cientistas no processo de pesquisa, construção e disseminação de novos conhecimentos.

Na década de sessenta, Theodore Nelson criou a denominação hipertexto para conceituar um tipo de escrita e de leitura não lineares estruturadas por meio da rede informática. Ele imaginou e deu o nome de Xanadu para designar um sistema que possibilitava a escrita, a interação e a disponibilização de uma variedade de arquivos disponíveis em rede. Estes poderiam ser vistos e modificados pelos usuários por meio de anotações, comentários e sugestões.

Segundo Lévy (1993), a partir da invenção de Theodore Nelson, inicia-se a leitura e a escrita por meio do hipertexto, este que baseia-se nos seguintes princípios:

- Princípio da dinamicidade ou metamorfose – construção e mudança constante;

- Princípio da heterogeneidade – Entre dois temas ou objetos podem ser estabelecidas diversas conexões, pois, os nós e as conexões de uma rede hipertextual são heterogêneos;
- Princípio da multiplicidade e encaixes das escalas – A complexidade das partes não é inferior à do todo. Qualquer nó ou conexão pode revelar-se como sendo composto por toda uma rede, e assim por diante indefinidamente;
- Princípio da exterioridade – A rede não possui unidade orgânica, nem motor interno. Seu crescimento, sua diminuição, sua composição e sua recomposição permanente dependem de um exterior indeterminado: adição de novos elementos, conexões com outras redes, excitação de elementos terminais (captadores), etc. O princípio da exterioridade pretende caracterizar a permanente abertura da rede hipertextual para a construção de conhecimentos;
- Princípio da topologia – A rede constitui-se por proximidade de significações no hipertexto. A rede não está no espaço, ela é o próprio espaço de representações que multiplicam as conexões biológicas que entretencem o conhecimento;
- Princípio da mobilidade dos centros – A rede é formada por uma diversidade de nós, que podem se constituir como centro. A representação das suas estruturas móveis de informação é figurada, diagramática e icônica.

A metamorfose é o princípio que diz respeito à construção e negociação permanente dos conhecimentos e informações. Quando um determinado conteúdo é disponibilizado na rede hipertextual, ele fica aberto para novos trabalhos. Assim, pode ser ampliado, atualizado ou alterado por meio da participação de novos atores, tais como seres humanos, palavras, imagens, contextos, objetos técnicos e componentes destes objetos.

O princípio da heterogeneidade possibilita ao conteudista trabalhar com uma rede diversificada com características familiares e significativas para as mais diversas pessoas em relação à memória, à comunicação, às conexões e diante do processo sociotécnico. Em consequência disto, o conteúdo construído por meio do

hipertexto pode ser armazenado de forma diversificada, por meio de sons, imagens, palavras e modelos permeados por uma comunicação múltipla e aberta ligada por conexões lógicas e afetivas em um processo que envolve técnica e seres humanos. Segundo Lévy, (1993, p. 23) na rede hipertextual, o processo sociotécnico “colocará em jogo pessoas, grupos, artefatos, forças naturais de todos os tamanhos, com todos os tipos de associações que podemos imaginar entre estes elementos”.

A multiplicidade refere-se à organização do hipertexto por meio de nós e conexões que permitem a contextualização e interpretação dos conteúdos presentes na rede. Assim, nas aulas virtuais o educando pode compreender, fazer comparações e tirar conclusões a respeito do conteúdo que está estudando em tempo real com uma vasta fonte de conhecimentos.

A rede hipertextual abre espaço para a significação de elementos presentes em diferentes escalas, segundo Lévy (1993, p. 26) “a interpretação de uma vírgula em um texto (elemento de uma microrede de documentos), caso se trate de um tratado internacional, pode repercutir na vida de milhões de pessoas (na escala da macrorrede social)”.

O Princípio da exterioridade refere-se à dependência que o hipertexto tem em relação ao exterior. Ou seja, a rede hipertextual precisa de ações externas a ela para ser composta e recomposta. Segundo Lévy (1993, p. 26) “a rede não possui unidade orgânica, nem motor interno. Seu crescimento e diminuição dependem de um exterior indeterminado”.

A topologia é o princípio que permite à rede hipertextual funcionar por meio da proximidade e do estabelecimento de caminhos infinitos que se cruzam e se distanciam temporariamente para criar outros destinos. Estes caminhos são estabelecidos pela rede e também são a própria rede, por isso, o conteúdo disponibilizado, por meio do hipertexto, estará em contato com os demais conhecimentos presentes na rede numa esfera mundial e atemporal.

Pela mobilidade dos centros, a rede permite que os conhecimentos sejam estruturados por meio de vários centros que se movem de um nó a outro formando infinitas ramificações. De acordo com Lévy (1993, p. 26) “ao redor de uma ramificação infinita de pequenas raízes, de rizomas, finas linha brancas esboçando por um instante um mapa qualquer com à frente outras paisagens do sentido”. A

partir deste princípio, a educação em rede pode ser emancipadora porque o ensino é promovido a partir de vários centros de conhecimentos passíveis de mudanças.

O hipertexto possibilita o uso de interfaces que permitem ao usuário agir sobre o que ocorre na tela com os menus que mostram constantemente ao usuário as operações possíveis. Neste sentido, a estrutura e o funcionamento do hipertexto devem obedecer à lógica da mente humana, ou seja, conexões e associações que permitem a construção de conhecimentos de forma aberta e contínua.

O hipertexto possibilita a leitura não linear, vinculada ao caráter hiper, assim, a leitura não deve ser feita do começo ao fim, mas sim por diversas escolhas. Para que isto seja possível, deve haver flexibilidade e caminhos intercambiáveis dentro do documento, que construam um sistema de elos. Por isso, os links são muito importantes na rede, já que são nós e nexos associativos básicos da estrutura hipertextual que criam a leitura e a escrita multidimensionais.

Além disso, também abre espaços para o processo de significação dos conhecimentos. Xavier (2009) considera que:

Viabilizar ao usuário uma leitura efetivamente hipertextual é fazê-lo não apenas correr os olhos panoramicamente sobre os enunciados verbais e visuais que emergem da tela; é, antes de tudo, levá-lo a “escanear” detalhadamente cada pedaço da página digital, deter-se com cautela sobre cada um deles ou, pelo menos, em boa parte dos links ali “dependurados”; é instigá-lo a clicar nestes elos virtuais, a fim de saciar sua curiosidade, a esta altura já aguçada, para saber o que eles “escondem”. É persuadi-lo a mover-se para outros sítios apontados, pelos quais poderão dilatar ou eliminar de uma vez as chances de compreender pontos difusos do hipertexto principal e, desta maneira, resolver pendências conceituais que estejam truncando a aceitação de uma certa posição assumida por uma determinada instituição, comunidade virtual ou indivíduo que se manifeste em um hipertexto. (XAVIER, 2009, p. 213)

Neste sentido, as interfaces e a característica de pluritextualidade do hipertexto (os hiperlinks, ícones animados, efeitos sonoros, diagramas e tabelas tridimensionais) permitem ao leitor se envolver com o texto e tornar-se co-produtor.

2.1.2 O hipertexto na educação em rede

A educação em rede abre um espaço para a discussão de questões sociais e ideológicas para promover a formação do educando para o exercício da cidadania. Assim, a leitura enquanto ato político deve se fazer presente nesta modalidade de ensino.

Os educadores precisam refletir sobre o texto no ciberespaço, que visão de mundo é possível desenvolver a partir do hipertexto e como este novo tipo de leitura e escrita pode ser empregado na educação. Deste modo, considerando a leitura e a escrita como atitudes inacabadas, que são antecedidas pela leitura do mundo, tais práticas podem ampliar a possibilidade de se criar o *quefazer* libertador na educação virtual.

Lévy (1993) considera que o hipertexto pode contribuir com o processo educacional, pois permite ao aluno adquirir uma postura mais ativa no processo de ensino aprendizagem, contribuindo para que ele dê maior significado e sentido aos conhecimentos trabalhados. Segundo Lévy (2000, p. 40) “a multimídia interativa favorece uma atitude exploratória, ou mesmo lúdica, face ao material a ser assimilado. É, portanto, um instrumento bem adaptado a uma pedagogia ativa”.

Tal interface permite aproximar o universo escolar à cultura gerada pela mídia, o que possibilita ao educador conhecer e trabalhar o contexto sociocultural dos alunos durante o processo educativo. Assim, verifica-se que é muito importante analisar o uso do hipertexto na educação a distância virtual, já que o mesmo pode fornecer importantes informações para a vida em sociedade em tempo real e numa esfera mundial.

O hipertexto é interativo, por isso, é um recurso imprescindível à criação do conteúdo didático das aulas virtuais. Ele permite o desenvolvimento de um material motivador, dialógico e próximo das necessidades do aluno. Assim, por meio do hipertexto, educadores e educandos podem criar e publicar seus conhecimentos, experiências e produções, colaborando na construção de conteúdos pedagógicos significativos que circularão no ciberespaço e no espaço físico atual como um todo.

Os princípios do hipertexto fornecem à educação em rede a possibilidade de abrir o material didático de suas aulas para constantes atualizações. Deste modo, se

os conteúdos das aulas virtuais forem criados por meio do hipertexto, poderão ser expandidos pelas ações exteriores, já que educandos, educadores e especialistas podem atuar na construção, correção e atualização dos conhecimentos previamente formulados pelo professor conteudista.

Neste sentido os professores responsáveis pela escrita hipertextual devem se atentar para o modo que o conteúdo é criado e organizado, assim como para as perspectivas teóricas e metodológicas que devem nortear a criação do material didático. Além disso, é preciso considerar como o layout apresenta o conteúdo, atentando para as cores, as imagens, os gráficos e as tabelas para que o primeiro contato do usuário com o mesmo seja significativo.

Por isso, na produção do material didático, que utilize o hipertexto na modalidade de educação virtual, deve-se considerar também o design, a objetividade e a funcionalidade, a fim de que o educando atue de forma interativa e colaborativa com o conteúdo das aulas. Assim, ele poderá navegar com facilidade, percorrendo caminhos que os ajudarão na pesquisa, apreensão e na construção do conhecimento.

2.2 A INTELIGÊNCIA COLETIVA POR MEIO DO HIPERTEXTO

O homem deixou de ser nômade quando criou a vida social, contudo com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) ele volta a se comportar como um ser nômade por meio das múltiplas formas de relacionamento e das trocas de informações que permitem a construção e disseminação multidimensional de novos saberes.

Após a cibercultura, a convivência humana, a inteligência individual e a inteligência coletiva passaram a ser permeadas e condicionadas pelos dispositivos informativos de todos os tipos. Neste sentido, escrita, leitura, visão, audição, criação e aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada. Assim, as novas formas de leitura e escrita, criadas por meio do hipertexto, são os meios atuais mais democráticos de comunicação, de produção de conhecimento e de formação humana.

O ciberespaço é segundo Levy (1999. p. 119) “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. Lévy acredita que neste espaço há uma nova forma de conceber a convivência humana (cibercultura). Esta é democrática e aberta à participação do conjunto dos seres humanos sem discriminação de etnia, religião, raça, cor, status social ou de qualquer diferença cultural provinda do ambiente de origem.

Na cibercultura há a aspiração da construção de um laço social, que não seria fundado sobre links territoriais, sobre relações institucionais ou nas relações de poder, mas por meio da reunião em torno de centros de interesses comuns, do compartilhamento de saberes, da aprendizagem cooperativa e a partir de processos abertos à colaboração. Assim, o apetite para as comunidades virtuais encontra um ideal de relação humana sem limites de território, transversal e livre para o desenvolvimento contínuo da inteligência coletiva.

De acordo com Lévy (1996), a inteligência coletiva é uma inteligência estendida por todos os lugares. Para este autor, as novas tecnologias contribuem para a expansão desta inteligência porque são compartilhadas por inúmeras pessoas e possibilitam que a comunicação atinja um nível planetário, expandindo e aprimorando as informações, os conhecimentos e, por consequência, o potencial de inteligência humana.

No projeto da inteligência coletiva ocorre o estabelecimento de relações entre indivíduos, antes isolados, que contribuem para o desenvolvimento cognitivo, cultural e social mútuo numa esfera atemporal e global. Neste contexto, o hipertexto vem se destacando devido ao seu caráter democrático de comunicação que promove a investigação e a coautoria.

Na inteligência coletiva ocorre a participação dos mais diversos povos, que são capazes de ensinar e de aprender, pois neste espaço há, segundo Lévy (1993 p. 31e 32) “o discernimento e a definição de seus objetos, a reinterpretação de sua memória... num processo de crescimento, de diferenciação e de retomada recíproca das singularidades”. Por isso, este autor acredita que a comunicação e o relacionamento humano passam por evoluções constantes, mas que este fato não exclui o retorno a antigas práticas da humanidade.

Inspirado em certos programas das novas tecnologias, o hipertexto, possui suporte informático que cria interfaces capazes de colocar o homem num papel de usuário e construtor. Por isso, é preciso que cada ser social compreenda o que é a informação, como ela é criada, disseminada, se ela pode tornar-se um conhecimento fidedigno, de que forma a utilizamos e como construímos considerações, ideologias, formas de valorar, de julgar e de agir a partir dela. Assim, tornar-se-á possível, atingir índices maiores de consciência a respeito do funcionamento da vida em sociedade.

Neste sentido, as novas formas de pensar, viver e de conviver, construídas a partir do ciberespaço e da cibercultura, influenciam a vida das pessoas na esfera social. Segundo Levy (2003, p. 124) estas tecnologias da inteligência “tornam o debate político cada vez mais ‘transparente’ e preparam uma nova era do diálogo político que conduz a democracia a um estágio superior: a ciberdemocracia”. Por isso, faz-se necessário analisar o papel do texto hipertextual como um tema filosófico para o debate de questões políticas, pois ele permite o acesso a uma grande gama de informações que podem contribuir na vida em sociedade.

CAPÍTULO 3 – O PAPEL DO PROFESSOR CONTEUDISTA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA VIRTUAL

Atualmente, a virtualização da educação está presente em todas as modalidades de ensino no Brasil, seja presencial, a distância ou semipresencial. Ao se tratar de virtualização da educação, é necessário entender o conceito de virtual e de suas diversas funções na vida dentro e fora do ciberespaço.

É importante pensar que o virtual permeia vários tipos de educação, pois quando tomamos a concepção de virtual utilizada por Pierre Lévy, entendemos que ele não é o oposto do real, mas sim do atual. Lévy afirma que:

...o real seria da ordem do “tenho”, enquanto o virtual seria a ordem do “terás”, ou da ilusão, o que permite geralmente o uso de uma ironia fácil para evocar as diversas formas de virtualização... complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução, a atualização. (LEVY, 1996, p. 15 - 16)

Pierre Lévy esclarece que a palavra virtual origina-se do latim *virtualis*, que significa força. Segundo o autor, na filosofia escolástica, virtual era considerado como aquilo que existe em potência, não em ato. Deste modo, a árvore está contida na semente, pois ela, no momento, não é árvore, contudo poderá sê-la. Assim, o virtual pode ser considerado como aquilo que não está presente geograficamente, mas que pode atualiza-se e tornar-se tangível.

3.1 O VIRTUAL NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

A educação a distância possui processos de ensino-aprendizagem parciais ou totalmente virtuais. Segundo Levy (1999, p. 169) “Os sistemas educativos encontram-se hoje submetidos às novas restrições no que diz respeito à quantidade, diversidade e velocidade de evolução dos saberes”.

Para este autor, na “era digital”, há uma transição de uma educação institucionalizada (a escola, a universidade) para uma educação multidimensional,

que ocorre por meio da troca constante de saberes, em que o ensino se desenvolve na sociedade por ela mesma.

Neste contexto, é importante refletir sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação na educação institucional. É importante, também, destacar que os vários tipos de educação que usam o tempo e o espaço “ciber”, estão contribuindo significativamente com a produção de conhecimentos.

A educação a distância é o processo educativo em que educador e educando ficam separados no espaço e tempo. Nesta modalidade de ensino, a comunicação ocorre pelo correio, rádio, televisão, vídeo, CD-ROM, telefone e pela telemática.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 9394/96 (artigo 80, regulamentada pelo decreto federal 2494, de 1998) a educação a distância no Brasil é caracterizada por um ensino que possibilita “a autoaprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação veiculados pelos diversos meios de comunicação”.

Nesta concepção de EaD, verifica-se a única preocupação da Lei com o ensino, sem se atentar às questões pedagógicas que envolvem o ensino e a aprendizagem como ações inseparáveis.

Este fato representa um erro grave, já que a educação não pode estar centrada na preocupação com recursos e conteúdos desprovidos de diálogo e relações entre educador e educando. Ou seja, ela deve ser realizada por meio de práticas pedagógicas, filosóficas e antropológicas, seja no espaço e tempo atual/físico ou no espaço e tempo virtual.

A educação online é um tipo de educação a distância que ocorre de forma simultânea por meio da telemática (manipulação e utilização da informação através do uso combinado de computador e meios de telecomunicação, do uso de computadores, periféricos, softwares e sistemas de redes junto com telefonia, satélite, cabo, fibra ópticas) a fim de permitir uma comunicação em tempo real entre professores e alunos.

No que diz respeito à educação totalmente virtual, as aulas também ocorrem sem nenhum contato presencial entre educador e educandos, ou seja, todo processo educativo se dá no ciberespaço por meio de recursos telemáticos, contudo a comunicação ocorre de forma síncrona e assíncrona.

No Brasil, a EaD deve seguir os Referenciais de Qualidade para a Educação a Distância desenvolvidos pela Secretaria de Educação a Distância - MEC . Estes referenciais circunscrevem-se no ordenamento legal vigente em complemento às determinações específicas da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, do Decreto 5.622, de dezembro de 2005, do Decreto 5.773 de junho de 2006 e das Portarias Normativas 01 e 02 de 11 de janeiro de 2007.

Apesar desse documento não ter força de lei, ele é um referencial norteador para subsidiar atos legais do poder público no que se referem aos processos específicos de regulação, supervisão e avaliação da modalidade de educação citada.

Além disso, as orientações presentes em tal documento devem ser indutoras, não só em termos da própria concepção teórico-metodológica da educação a distância, mas também da organização administrativa.

De acordo com os Referenciais, não há um modelo único de educação à distância. Assim, o tipo de curso, as reais condições do cotidiano e as necessidades dos estudantes irão definir a tecnologia e a metodologia a serem utilizadas, bem como, os momentos presenciais obrigatórios, os estágios supervisionados, as práticas em laboratórios de ensino, os trabalhos de conclusão de curso e as tutorias presenciais nos polos descentralizados de apoio presencial.

De acordo com estes Referenciais, devem constar no projeto político pedagógico de qualquer curso na modalidade a distância no ensino superior os seguintes tópicos principais: concepção de educação e currículo no processo de ensino e aprendizagem; sistemas de comunicação; material didático; avaliação; equipe multidisciplinar; infraestrutura de apoio; gestão acadêmico-administrativa e sustentabilidade financeira.

3.2 O PROFESSOR CONTEUDISTA – AUTOR OU MONTADOR DE TEXTOS HIPER?

De acordo com Oliveira e Mercado (2010), o professor conteudista é o profissional responsável pelos conteúdos das disciplinas de cursos a distância, este professor desempenha as funções de criação e seleção dos conteúdos. Ele também organiza e prepara o programa do curso juntamente com o coordenador e define as estratégias de ensino-aprendizagem que devem ser aplicadas na educação à distância.

Os conteudistas desenvolvem os materiais de estudo dos cursos, os quais colocam em movimento saberes e conhecimentos necessários à formação do educando em determinada disciplina da modalidade de educação virtual. Eles pensam e utilizam metodologias mobilizadas por meio do ensino baseado em conteúdos pré-estabelecidos. Isto nos leva a interrogar a partir da filosofia freiriana sobre a valorização do conteúdo na educação a distância virtual diante da comunicação dialógica.

Nos Referenciais de Qualidade (BRASIL, 2007) não há nenhuma menção da denominação professor conteudista para a EaD. São estabelecidas, apenas, regras e orientações para a criação do material didático e sobre as funções dos docentes. Essas orientações estão escritas de uma forma confusa, que permitem várias interpretações a respeito do papel do docente em relação ao desenvolvimento dos conteúdos do curso.

Conforme os Referenciais de Qualidade, o material didático, precisa ser desenvolvido a partir de “princípios epistemológicos, metodológicos e políticos explicitados no projeto pedagógico, de modo a facilitar a construção do conhecimento e mediar a interlocução entre aluno e professor” (BRASIL, 2007, p. 13).

Assim, este material deve se pautar no projeto pedagógico do curso e deve visar o desenvolvimento de habilidades e competências específicas pela mediação dos mais diversos meios de comunicação compatíveis com as necessidades e interesses dos alunos.

No mesmo documento, consta que os docentes que produzem os conteúdos precisam atuar de forma colaborativa com uma “equipe multidisciplinar formada por profissionais de desenho instrucional, diagramação, ilustração, desenvolvimento de páginas web, entre outros” (BRASIL, 2007, p. 16).

Quando se refere à equipe multidisciplinar elenca três categorias profissionais: os docentes, os tutores e o pessoal técnico-administrativo. Ao detalhar as principais competências e funções de cada um desses profissionais, menciona a inteira responsabilidade do docente pelo conteúdo. De acordo com o documento, são funções dos docentes:

a) estabelecer os fundamentos teóricos do projeto; b) selecionar e preparar todo o conteúdo curricular articulado a procedimentos e atividades pedagógicas; c) identificar os objetivos referentes às competências cognitivas, habilidades e atitudes; d) definir bibliografia, videografia, iconografia, audiografia, tanto básicas quanto complementares; e) elaborar o material didático para programas a distância; f) realizar a gestão acadêmica do processo de ensino-aprendizagem, em particular motivar, orientar, acompanhar e avaliar os alunos; g) avaliar-se continuamente como profissional participante do coletivo de um projeto de ensino superior a distância. O projeto pedagógico deve especificar claramente em um quadro a qualificação dos docentes responsáveis pela coordenação do curso como um todo, pela coordenação de cada disciplina do curso, pela coordenação do sistema de tutoria e outras atividades concernentes. (BRASIL, 2007, p. 20)

Contudo nos referenciais, não há nenhuma especificação a respeito da função de cada um destes profissionais no desenvolvimento do conteúdo, apenas cita-os na introdução e não discorre sobre eles posteriormente. São detalhadas apenas as funções do docente na elaboração do conteúdo, gerando dúvida sobre a participação dos demais profissionais na elaboração do curso. Ou seja, não fica claro se eles apenas atuam de forma técnica ou se também dialogam e participam das escolhas e criação dos conteúdos, assim como das estratégias de apresentação do mesmo.

Em consequência disto, ficam prejudicados a interação e o diálogo entre os diversos profissionais responsáveis pela criação do curso a distância. Além disso, não é mencionada a possibilidade da participação dos alunos na estrutura dos materiais do curso, ou seja, não é possível que o curso sofra alterações nos conteúdos das disciplinas a partir das sugestões dos alunos no decorrer do curso.

Neste sentido, torna-se necessário discutir as questões ligadas ao exercício profissional do professor conteudista para que sejam construídas práticas e teorias educacionais que o permita atuar de acordo com a dialogicidade e a educação libertadora. Por isso, o conteudista deve refletir sobre os processos de comunicação e de ensino-aprendizagem que adota na educação no ambiente virtual de aprendizagem para que as necessidades dos alunos sejam atendidas.

Assim, o diálogo deve imperar entre o conteudista, a coordenação e a equipe de apoio técnico do curso, para que ele possa receber orientações e ser acompanhado para ter conhecimentos sobre os seguintes aspectos:

- A postura filosófica e pedagógica do curso e da instituição de ensino na qual o curso está vinculado;
- O público-alvo para o qual se dirige o curso;
- Os objetivos do curso;
- O modelo do processo de ensino e de aprendizagem da disciplina na qual o conteúdo será incorporado e;
- As tecnologias e as linguagens que podem ser usadas na modalidade de educação virtual.

3.3 O PROFESSOR CONTEUDISTA NA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL

O Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) foi criado pelo Ministério da Educação em parceria com a ANDIFES e instituições estatais, no âmbito do fórum das estatais pela educação com foco nas políticas e na gestão da educação superior. Trata-se de uma política pública de articulação entre a Secretaria de Educação a Distância - SEED/MEC e a Diretoria de Educação a Distância - DED/Capes.

A UAB foi instituída pelo Decreto nº 5.800, de 08 de junho de 2006, de autoria da Casa Civil da Presidência da República “voltado para o desenvolvimento da modalidade de educação a distancia, com a finalidade de expandir e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior no país (Art.1º)”. Este sistema também funciona de acordo com a Lei nº 11.273/2006 – que dispõe sobre a

concessão de bolsas de estudo e de pesquisa para os professores / tutores, bem como com o Decreto nº 5.622/2005, que dispõe sobre a qualidade da educação a distância no Brasil.

O sistema UAB sustenta-se em cinco eixos fundamentais:

- Expansão pública da educação superior, considerando os processos de democratização e acesso;
- Aperfeiçoamento dos processos de gestão das instituições de ensino superior, possibilitando sua expansão em consonância com as propostas educacionais dos estados e municípios;
- Avaliação da educação superior a distância tendo por base os processos de flexibilização e regulação implantados pelo MEC;
- Estímulo à investigação em educação superior a distância no Brasil;
- Financiamento dos processos de implantação, execução e formação de recursos humanos em educação superior a distância.

A UAB é um sistema integrado por universidades públicas que oferece cursos de nível superior, por meio do uso da modalidade de educação a distância, para camadas da população que tem dificuldades de acesso à formação universitária. O público em geral é atendido, mas os professores que atuam na educação básica tem prioridade de formação, seguidos dos dirigentes, gestores e trabalhadores em educação básica dos estados, municípios e do Distrito Federal.

A UAB possui os seguintes objetivos:

- Oferecer cursos de licenciatura de formação inicial e continuada para professores da educação básica;
- Ofertar cursos superiores para capacitação de dirigentes, gestores e trabalhadores em educação básica dos estados, do Distrito Federal e dos Municípios;
- Dispor cursos superiores nas diferentes áreas do conhecimento;
- Ampliar o acesso à educação superior pública;
- Reduzir as desigualdades de oferta de ensino superior entre as diferentes regiões do país;
- Estabelecer amplo sistema nacional de educação superior a distância;

- Fomentar o desenvolvimento institucional para a modalidade de educação a distância, bem como a pesquisa em metodologias inovadoras de ensino superior apoiadas em tecnologias de informação e comunicação.

O sistema UAB funciona como articulador entre as instituições de ensino superior, os governos estaduais e municipais para atender às demandas locais por educação superior. Essa articulação estabelece a instituição de ensino que deve ser responsável por ministrar determinado curso em certo município ou certa microrregião por meio dos polos de apoio presencial.

Feita a articulação entre as instituições públicas de ensino e os polos de apoio presencial, a UAB assegura o fomento de determinadas ações para assegurar o bom funcionamento dos cursos. Com isso, incentiva a colaboração entre a União e os entes federativos e estimula a criação de centros de formação permanentes por meio dos polos de apoio presencial em localidades estratégicas.

A Universidade Aberta proporciona uma alternativa para atender a demanda por educação superior gerada a partir de assimetrias educacionais em relação à oferta de formação inicial e continuada, já que, no Brasil, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), apenas 12,7% dos jovens entre 18 e 24 anos tem acesso ao ensino superior.

Por isso, o Ministério da Educação em parceria com a Capes estabelece políticas estratégicas para universalizar o acesso ao ensino superior e desconcentrar a oferta dos grandes centros urbanos promovendo uma mobilização acadêmica e técnica para fortalecer as estruturas educacionais do interior do país.

Na Universidade Aberta do Brasil, os professores atuam nos cursos de formação inicial e continuada nos polos de apoio presencial do Sistema. Por meio do recebimento de bolsas, eles podem ocupar os seguintes cargos: coordenador/coordenador-adjunto I; coordenador/coordenador-adjunto II; coordenador de curso I; coordenador de curso II; coordenador de tutoria I; coordenador de tutoria II; professor-pesquisador conteudista I; professor-pesquisador conteudista II; professor-pesquisador I; professor-pesquisador II; tutor e coordenador de polo.

As bolsas para os professores da UAB são concedidas pela CAPES/MEC e pagas pelo FNDE/MEC, segundo a Resolução CD/FNDE nº 26, de 05 de junho de 2009. Com duração máxima de quatro anos, as bolsas dos seguintes cargos possuem os respectivos valores:

Coordenador/Coordenador-adjunto:

- Coordenador/Coordenador-adjunto I: R\$ 1.500,00 (um mil e quinhentos reais) mensais;
- Coordenador/Coordenador-adjunto II: R\$ 1.100,00 (um mil e cem reais) mensais.

Coordenador de curso:

- Coordenador de curso I: R\$ 1.400,00 (um mil e quatrocentos reais) mensais;
- Coordenador de curso II: R\$ 1.100,00 (um mil e cem reais) mensais.

Coordenador de tutoria:

- Coordenador de tutoria I: R\$ 1.300,00 (um mil e trezentos reais) mensais;
- Coordenador de tutoria II: R\$ 1.100,00 (um mil e cem reais) mensais;

Professor-pesquisador conteudista:

- Professor-pesquisador conteudista I: R\$ 1.300,00 (um mil e trezentos reais) mensais;
- Professor-pesquisador conteudista II: R\$ 1.100,00 (um mil e cem reais) mensais.

Professor-pesquisador:

- Professor-pesquisador I: R\$ 1.300,00 (um mil e trezentos reais) mensais;
- Professor-pesquisador II: R\$ 1.100,00 (um mil e cem reais) mensais.

Tutor:

- Tutor: R\$ 765,00 (setecentos e sessenta e cinco reais) mensais.

Coordenador de polo:

- Coordenador de polo: R\$ 1.100,00 (um mil e cem reais) mensais.

De acordo com a UAB/CAPES, no sistema UAB, o professor-pesquisador conteudista é um profissional que deve desenvolver atividades de pesquisa e atuar em projetos relativos aos cursos e programas implantados pela instituição vinculados

ao Sistema UAB. As atribuições deste profissional em relação à modalidade de educação a distância são:

- Elaboração dos conteúdos dos módulos desenvolvidos ao longo do curso no prazo determinado;
- Adequação dos conteúdos, dos materiais didáticos, das mídias e da bibliografia utilizados para o desenvolvimento do curso na modalidade a distância;
- Revisão da linguagem do material didático desenvolvido para a EaD;
- Disponibilização do material didático nas diversas mídias;
- Participação em atividades de capacitação desenvolvidas na instituição de ensino;
- Desenvolvimento das atividades referentes à sua disciplina em EaD mediante o uso dos recursos e metodologia previstos no projeto acadêmico do curso;
- Coordenação das atividades acadêmicas dos tutores que atuam em disciplinas ou conteúdos que estão sob sua coordenação;
- Capacitação de coordenadores, professores e tutores mediante o uso dos recursos e metodologia previstos no plano de capacitação;
- Desenvolvimento de um sistema de avaliação de alunos, mediante o uso dos recursos e metodologia previstos no plano de curso;
- Apresentação ao coordenador de curso, ao final da disciplina ofertada, relatório do desempenho dos estudantes e do desenvolvimento da disciplina;
- Participação de grupo de trabalho para o desenvolvimento de metodologia e materiais didáticos para a modalidade a distância;
- Participação das atividades de docência das disciplinas curriculares do curso;

Existem duas categorias de professor-pesquisador conteudista na UAB, o professor-pesquisador I e professor-pesquisador II. Aquele profissional que comprovar três anos de experiência no magistério superior pode exercer o cargo de Professor-pesquisador I. O professor que não possui tal experiência, mas é formado em nível superior e possui um ano de experiência no magistério superior ou é vinculado a um programa de pós-graduação de mestrado ou doutorado pode atuar como Professor-pesquisador II.

3.4 A PEDAGOGIA DA VIRTUALIDADE: DIALOGICIDADE NA ATUAÇÃO DO CONTEUDISTA

Gomez (2004) propõe uma nova concepção de educação realizada no ciberespaço por meio da “pedagogia da virtualidade”. Segundo Gomez, esta nova pedagogia estaria apoiada na apropriação tecnológica em função dos princípios da educação popular, que objetiva o encaminhamento para a conformação de uma sociedade aberta e democrática que, por sua vez, deve se sustentar na ética e vontade política dos sujeitos.

Esta autora discorre sobre a dimensão emancipadora da educação em rede, que permite educar para a solidariedade humana. Para que isto ocorra, é preciso que os educadores sejam formados para ir além da apropriação das tecnologias da informação e comunicação e tornarem-se capazes de refletir e discutir sobre o melhor uso delas na educação virtual.

Gomez (2004) enfatiza que o curso no ambiente virtual deve ser estruturado a partir das categorias básicas da educação popular: radicalidade, organização política, cultura do silêncio, metodologia, pronunciamento e relação entre texto e contexto.

Para a autora, estes princípios valorizam o ato de ler e permitem novas leituras de mundo por meio da leitura da palavra, o que faz com que o hipertexto possa ser usado na educação para possibilitar o uso político da escrita e da leitura na web.

Em relação à radicalidade, a autora considera que a educação em rede não pode ser neutra, mas sim permeada pela política para ser capaz de criar condições para a ação transformadora. Esta organização política diz respeito aos mecanismos sócios históricos usados para se criar espaços para a formação e construção da cidadania.

A cultura do silêncio é um tipo de opressão que restringe a expressão, por isso, ela deve ser enfrentada na rede por meio da comunicação interativa pelo uso de e-mail, chat, fórum, videoconferência, redes sociais, blogs, dentre outros.

Já a metodologia, deve ser construída por meio do pronunciamento e da colaboração entre os sujeitos cognoscentes que estão presentes no espaço virtual e

na realidade situada. Este pronunciamento se refere à palavra oral ou escrita no ambiente virtual, pois pronunciar a sua palavra na rede significa rever a visão de mundo e construir a alfabetização digital que atuará na conscientização política.

Por último, a relação entre texto e contexto na internet está ligada ao fato de que nenhum texto (impresso ou hiper) desvincula-se da realidade, por isso a leitura feita no ciberespaço pode contribuir para o homem e a mulher refletirem sobre suas vivências para fazerem transformações na esfera pessoal e social por meio dos conhecimentos adquiridos na web.

Além das categorias básicas da educação popular, os princípios que orientam o curso na web a partir da pedagogia da virtualidade são: rizoma, desenho participativo e educativo, sujeito múltiplo e mediação pedagógica. Assim, o curso pode ser desenvolvido por meio da práxis de todos os participantes que dialogam e escolhem o tema, a forma e estilo de ensino-aprendizagem.

A pedagogia da virtualidade é uma proposta baseada na filosofia freiriana e no conceito de rizoma, que propõe uma reflexão sobre a prática educativa no ciberespaço e desenvolve um conceito de educação em rede emancipadora.

De acordo com Gomez (2004), a partir de Freire o educador pode refletir sobre sua prática na educação virtual e sobre os usos das TIC's na educação, ampliando e fortalecendo sua leitura de mundo como docente na "era digital". Assim, a qualidade de um curso no ambiente virtual está ligada ao exercício da comunhão de ideias e práticas dos educadores e demais profissionais envolvidos na criação, implementação, acompanhamento e avaliação do curso.

Em consequência disso, o projeto educativo, a implementação, o desenvolvimento e a avaliação dos cursos na web deve ser construído por meio do diálogo entre os membros da equipe responsável pelo curso. Deste modo, a proposta da pedagogia da virtualidade considera que, na educação virtual, o conteúdo curricular deverá ser avaliado pelo conteudista e por uma equipe multidisciplinar (especialistas em TIC's) antes de ser disponibilizado em rede.

De acordo com esta pedagogia, o conteúdo desenvolvido poderá ser disponibilizado meio do hipertexto para permitir alterações no decorrer do curso devido às novas descobertas científicas e de acordo com as necessidades surgidas durante as conversações entre educadores, educando e monitores.

Deste modo, os princípios da pedagogia da virtualidade valorizam a escrita e a leitura no ambiente virtual como atos políticos que atuam na leitura da palavra, na leitura do mundo e na realidade do educando como um todo. Por isso, Gomez (2004) considera que a educação em rede, pautada nestes princípios, remete a uma educação emancipadora conforme a filosofia proposta por Paulo Freire.

Gomez (2004) também discorre sobre os aspectos ligados à identidade do professor no exercício educativo e também das subjetividades inerentes às relações “reais e virtuais” que influenciam na formação do sujeito pedagógico na rede.

Enfatiza a necessidade de o educador reconhecer que sua formação contínua é fundamental, pois o processo educativo é construído por “seres processuais” que devem estar atentos às constantes mudanças e melhoramentos que precisam ser feitos. A autora afirma que:

Um dos eixos básicos da formação de professores, na proposta freiriana, é a apropriação dos avanços científicos dos conhecimentos humanos que contribuem com a qualidade social da escola. Por isso, revisitar a própria prática para pensar a utilização da rede informática na escola é coerente com o sonho de se fazer uma escola de qualidade para uma cidadania crítica. (GOMEZ, 2004, p. 66)

Conforme a autora, para se compreender as implicações da internet na educação, segundo a perspectiva freiriana, é preciso analisar a presença da rede na sociedade, pois a cultura atual é gerada pela onipresença da informação, pelos documentos interconectados e pelas telecomunicações recíprocas que se dão dentro do grupo e entre grupos.

Deste modo, seria uma educação em que os participantes estariam envolvidos no curso, por meio de grupos de trabalho, questionários, entrevista, brainstorming e dinâmicas de grupo na modalidade virtual ou presencial. Assim, desenvolver um curso na rede exige uma equipe comprometida e em constante diálogo e interação para se construir um conjunto de metodologias e práticas emancipadoras.

Gomez (2004, p. 153) considera que o hipertexto possibilita a comunicação interativa por meio “de chat, fórum, glossário on-line, simulações, videosstreaming, videoconferência, web rádio e atividades colaborativas em tempo real” são mediadores da educação em rede. A autora enfatiza o hipertexto colabora com o

que deve ser mais valorizado nesta modalidade de educação: a relação entre educando e educador e a comunicação educativa no processo educativo.

Em consequência disso, é necessário mudar a forma de produzir conhecimento em rede, precisam ser criadas novas orientações da leitura e escrita em rede nos diversos modelos de educação. Há a necessidade de se alterar, também a formação, o papel, a competência e a identidade do educador para lidar com estas novas formas de comunicação virtual que implicam na educação e na vida atual como um todo.

Para Gomez, a pedagogia da virtualidade pode contribuir na formação e na atuação do educador da educação em rede, pois redimensiona e reestrutura o uso de tecnologias, estratégias, linguagens e conteúdos a partir do diálogo e do trabalho cooperativo entre todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Neste sentido, a partir desta pedagogia, o conteudista poderá refletir e atuar de forma emancipadora no uso do hipertexto na educação superior virtual, pois contará com um amparo pedagógico, baseado na dialogicidade e em princípios democráticos.

CAPÍTULO 4 – A ATUAÇÃO DO CONTEUDISTA: USOS E NOÇÕES DO HIPERTEXTO NA ELABORAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Neste capítulo, apresentam-se os dados sistematizados que mostram a maneira que ocorre a atuação dos conteudistas na elaboração do material didático hipertextual na educação superior a distância, especificamente em um curso de especialização no contexto da UAB.

O estudo de caso foi adotado para se compreender as seguintes questões: de que forma o hipertexto é entendido e desenvolvido pelos professores conteudistas? Quais são os princípios pedagógicos que direcionam a prática deste profissional na modalidade de educação virtual? O conteudista deve apenas selecionar e montar os textos da sua disciplina ou deve elaborá-los por meio de conteúdos construídos como resultado de pesquisas e de sua experiência cotidiana como educador?

A partir do referencial teórico baseado em Pierre Levy e Margarita Victoria Gomez, buscou-se entender como o hipertexto pode ser usado na produção do material didático para se construir ações comunicativas e educativas capazes de atuar na aquisição de novas aprendizagens de forma democrática.

Por meio da filosofia de Paulo Freire, estudou-se a interação entre educação e comunicação e problematizou-se sobre o papel do professor conteudista. Foi questionado se o trabalho deste profissional retoma a pedagogia bancária ou se visa o diálogo e a construção coletiva do conhecimento na educação virtual. Além disso, analisou-se a escrita e a leitura no ciberespaço por meio das ideias de Freire sobre a leitura de mundo e a leitura da palavra, demonstrando que o homem se constrói e reconstrói por meio do uso político e consciente das tecnologias de seu tempo.

Constatou-se que os Referenciais de Qualidade para a Educação a distância deixam muitas dúvidas sobre o exercício profissional do professor conteudista, no que diz respeito à sua formação inicial e continuada, às estratégias e às metodologias inerentes à sua prática pedagógica docente e aos seus direitos e deveres.

Os dados obtidos revelam como os professores conteudistas atuam na elaboração do conteúdo hipertextual, o que pensam sobre o seu uso, quais são as interações estabelecidas com os educandos por meio dele e quais as carências que

possuem a respeito do uso deste novo meio de comunicação no processo de ensino-aprendizagem em rede.

4.1 OS PROFESSORES CONTEUDISTAS

Os professores que responderam ao questionário tem formação superior em Pedagogia, Letras e História, 35% deles graduaram-se em instituição privada e 65% em instituição pública. Destes professores, 80% fizeram mestrado ou doutorado em instituição pública nas áreas em que se graduaram.

Graduação dos entrevistados	Quantidade	Instituição
Pedagogia	04	Pública
Letras	01	Pública
História	02	Privada
Pós-graduação dos entrevistados	Quantidade	Instituição
Mestrado em educação	03	Pública
Mestrado em letras	01	Pública
Doutorado em educação	02	Pública
Doutorado em história	01	Privada

Fonte: SILVA, Luciana. Usos e noções do hipertexto no ambiente virtual de aprendizagem: análise e visão dos professores conteudistas que atuam na educação superior. 2013.

Os professores entrevistados atuam como professores conteudistas no ensino superior em uma universidade federal do estado do Paraná a mais de dois anos. Eles escolheram atuar como conteudistas devido à necessidade deste profissional surgida com a entrada da telemática na educação superior a distância. Segundo os professores, assim que a universidade em que trabalham começou a ter educação a distância no ambiente digital, tiveram a oportunidade de atuar como conteudistas. Acreditaram ser uma boa oportunidade profissional e aceitaram a nova função.

Como começou ou porque escolheu ser conteudista?
Comecei devido à abertura do mercado de trabalho.
Comecei porque tinha este sonho e apareceu uma oportunidade.
Convite da minha coordenadora.
Oportunidade da UAB.
Porque já trabalhava com EaD.
Porque gosto de trabalhar com educação a distância.
Necessidade financeira.

Fonte: SILVA, Luciana. Usos e noções do hipertexto no ambiente virtual de aprendizagem: análise e visão dos professores conteudistas que atuam na educação superior. 2013.

4.2 OS USOS E AS NOÇÕES DO HIPERTEXTO

Lévy (1993) considera que as formas de ler e de escrever criadas pelo ciberespaço, as quais dependem da comunicação hipertextual, produzem um novo modo de viver, pensar, comunicar e refletir sobre a sociedade. De acordo com este autor, o hipertexto é um dos futuros da escrita e da leitura, pois possibilita a conectividade do ser humano com o mundo e com os saberes em tempo real de forma democrática. Lévy afirma:

Os esquemas interativos tornam explicitamente disponíveis, diretamente visíveis e manipuláveis à vontade as macroestruturas de textos, de documentos multimídias, de programas informáticos, de operações a coordenar ou de restrições a respeitar. Os sistemas cognitivos humanos podem então transferir ao computador a tarefa de construir e de manter em dia representações que eles antes deviam elaborar com os fracos recursos de sua memória de trabalho, ou aqueles, rudimentares e estáticos, do lápis e papel. Os esquemas, mapas ou diagramas interativos estão entre as interfaces mais importantes das tecnologias intelectuais de suporte informático. (LÉVY, 1993, p. 40)

Os entrevistados conceituaram o hipertexto como um texto estruturado por meio de links que abrem caminhos para outros textos e hipertextos conectados à rede. Para os conteudistas, os links representam a ideia motriz do hipertexto, pois abrem caminhos para inúmeras possibilidades de navegação. Também acreditam que os links são palavras destacadas devido à importância que exercem no texto e no contexto.

Lévy (1993) considera que o hipertexto pode contribuir no processo educacional, porque coloca o aluno em contato com o processo de ensino-aprendizagem. Assim, permite o envolvimento e a participação ativa do educando e contribui para que ele dê maior significado e assimile melhor os conhecimentos trabalhados. Em suas palavras:

O hipertexto ou a multimídia interativa adéquam-se particularmente aos usos educativos... Ora, a multimídia interativa, graças à sua dimensão reticular ou linear, favorece uma atitude exploratória, ou mesmo lúdica, face ao material a ser assimilado. É, portanto, um instrumento bem adaptado a uma pedagogia ativa. (LÉVY, 1993, p. 40)

Constatou-se que os conteudistas concordam com Levy a respeito do uso do hipertexto na educação. Cerca de 70% dos conteudistas declararam que usam o hipertexto para o desenvolvimento do conteúdo das aulas virtuais e acreditam que o seu uso cria múltiplas possibilidades de leitura e escrita e possibilita a interação e a comunicação dialógica entre educadores e educandos.

Nesse sentido, estes professores declararam que usam o hipertexto para a pesquisa exploratória, para complementar a escrita dos textos, como fonte bibliográfica e para trabalhar a intertextualidade.

O uso do hipertexto no conteúdo das aulas virtuais é voltado para:	
Leitura a respeito do conteúdo ensinado.	02
Fonte bibliográfica referente ao conteúdo das aulas virtuais.	02
Leitura a respeito do conteúdo ensinado, pesquisa exploratória complementar, escrita, fonte bibliográfica referente ao conteúdo das aulas virtuais, para trabalhar a intertextualidade.	01
Pesquisa exploratória, complementar a escrita, fonte bibliográfica referente ao conteúdo das aulas virtuais.	01
Para trabalhar a intertextualidade.	01

Fonte: SILVA, Luciana. Usos e noções do hipertexto no ambiente virtual de aprendizagem: análise e visão dos professores conteudistas que atuam na educação superior. 2013.

Os entrevistados afirmaram que o hipertexto é uma nova forma de construir conhecimento. Para eles, é possível instaurar o diálogo e a educação democrática, pois o hipertexto é interativo, aberto para todos e permite ao aluno atuar no processo educativo, ampliando e/ou modificando as informações oferecidas nas aulas. O professor Pedro Coelho, disse que o hipertexto pode criar a educação colaborativa porque “por meio dele é possível construir conhecimentos através de uma rede de associação de ideias” (COELHO, 2012, p. s/p).

Neste contexto, a professora conteudista Anita Soares, afirmou que:

...na rede hipertextual, nas interações síncronas e assíncronas entre os envolvidos no processo, podem haver interações autônomas entre o aprendiz e a máquina e os programas que fomentam a autoria, o diálogo, a aprendizagem colaborativa e a autonomia do educando diante do processo de ensino-aprendizagem. (SOARES, 2012, p. s/p)

Sobre o uso do hipertexto na educação, a entrevistada Maria Martins também acredita que “se utilizado de forma eficaz, contribui na educação, pois permite a construção coletiva de conhecimentos e a troca de informações e ideias” (MARTINS, 2012, p. s/p).

Para a entrevistada Lúcia Maia, com a escrita hipertextual “é possível construir conteúdos por meio de variadas linguagens e mídias de forma multidimensional.” (MAIA, 2012, p. s/p).

A conteudista Aparecida Costa considera que “o hipertexto é um novo meio de comunicação” (COSTA, 2012, p. s/p). Assim, esta ferramenta atua como um elo entre os alunos, professores tutores e professores conteudistas na EaD possibilitando a comunicação educativa.

A partir das respostas dos professores conteudistas, verifica-se que a escrita e a leitura hipertextuais são muito apropriadas à educação democrática e gnosiológica defendida por Freire, pois possibilitam a interação entre educador e educando e deles com o mundo. Sobre a importância desta interação na educação gnosiológica, Freire afirma:

Na educação que seja verdadeiramente uma situação gnosiológica, não há, para o educador, um momento em que, sozinho em sua biblioteca ou em seu laboratório, conheceu, e outro em que, afastado deste, simplesmente narra, disserta ou expõe o que conheceu. No momento mesmo em que pesquisa, em que se põe como um sujeito cognoscente frente ao objeto cognoscível, não está senão aparentemente só. Além do diálogo invisível e misterioso que estabelece com os homens que, antes dele, exerceram o mesmo ato cognoscente, trava um diálogo também consigo mesmo... Desta maneira, sua aula não é uma aula, no sentido tradicional, mas um encontro em que se busca o conhecimento, e não em que é transmitido. (FREIRE 1979, p. 79)

Constatou-se, também, que estes professores concordam com Pierre Levy em relação ao papel do hipertexto na inteligência coletiva. Eles o caracterizam como um meio dialógico e democrático de educação que atua nesta inteligência.

Desta forma, o ato de ler e de escrever por meio da hipertextualidade faz com que a comunicação e a construção de conhecimentos atinjam um nível planetário, que eleva o potencial de inteligência humana por meio da participação de pessoas dos mais diversos lugares e culturas.

A respeito dos conteúdos trabalhados por meio do hipertexto, cerca 80% dos conteudistas responderam que o hipertexto lhes permite trabalhar conteúdos conceituais, 10% conteúdos procedimentais, 10% conceituais e atitudinais e 60%

disseram que o hipertexto é apropriado para trabalhar somente conteúdos conceituais.

Estes profissionais acreditam que o hipertexto é apropriado para a alfabetização digital, porque além de possibilitar a criação de novas formas de ler e interpretar, também estabelece novas formas de comunicação, nas quais o diálogo atua na formação de alunos pesquisadores e críticos diante do processo de ensino-aprendizagem. Cerca de 90% afirmaram que o hipertexto pode ser usado para promover a criatividade e manter o potencial de desenvolvimento de projetos ligados ao conteúdo da disciplina.

Os conteudista disseram que o hipertexto pode ser estruturado com a finalidade de formar os alunos para pesquisarem, de forma crítica, os conteúdos mais fidedignos na rede com o objetivo de ampliarem os conhecimentos das aulas, assim como para que sejam capazes de ler e escrever de forma consciente e emancipadora.

O hipertexto é estruturado com a finalidade de permitir:	
A pesquisa dos alunos sobre o conteúdo.	04
Formação de leitores críticos.	01
Leitores que saibam onde buscar o conteúdo na rede, que sejam capazes de ler e escrever de forma atenta.	02

Fonte: SILVA, Luciana. Usos e noções do hipertexto no ambiente virtual de aprendizagem: análise e visão dos professores conteudistas que atuam na educação superior. 2013.

Os docentes disseram que a interatividade do hipertexto cria possibilidades para os educandos se relacionarem e se tornarem sujeitos do processo de ensino-aprendizagem, ou seja, pode contribuir para a existência da dialogicidade e, conseqüentemente, para a valorização dos conhecimentos e da participação dos alunos no processo educativo.

Ainda de acordo com os entrevistados, o hipertexto permite que os educandos exteriorizem suas inquietações e tirem dúvidas por meio de forum, wiki, chat e e-mail. Isso possibilita que eles reflitam e atuem sobre o que está sendo ensinado e construam uma aprendizagem mais crítica e significativa.

Em relação à atuação do conteudista, na seleção e elaboração dos conteúdos das aulas virtuais, o entrevistado João Silva acredita que “os professores precisam trabalhar com o hipertexto na montagem do material didático, pois ele permite a interação, a conectividade e o diálogo” (SILVA, 2012, p. s/p). Este professor acredita

que o conteudista “precisa estar ciente de que seu trabalho não se limita a escrever um texto. Ele precisa saber conceber um hipertexto e saber utilizar todas as formas de interatividade que ele possibilita” (SILVA, 2012, p. s/p).

Ainda sobre a atuação deste profissional, o professor conteudista José Castro, afirmou que:

Através do hipertexto, o professor conteudista usa a tecnologia para abrir novos caminhos para a coautoria. Tanto a sua autoria, quanto a autoria por parte dos educandos. Assim, a aprendizagem e os saberes surgem da interatividade e construção colaborativa de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. (CASTRO, 2012, p. s/p)

A professora Maria Martins acredita que para ser uma boa conteudista, em relação ao uso do hipertexto nas aulas virtuais, precisa ser capaz de possibilitar a construção de “qualquer tipo de conhecimento por meio do hipertexto” (MARTINS, 2012, p. s/p).

A professora conteudista Aparecida Costa considera que o bom conteudista é “aquele que produz os materiais didáticos com uma equipe multidisciplinar, com suporte profissional de pedagogos e comunicadores” (COSTA, 2012, p. s/p).

O entrevistado Pedro Coelho afirmou que “é necessário uma maior capacitação dos profissionais para que o trabalho com a docência virtual ocorra de forma participativa, cooperativa e colaborativa na construção do conhecimento” (COELHO, 2012, p. s/p). Já, o professor José Castro, afirmou que::

O conteudista deve ser um profissional que faz um texto que reflita seu saber, mas que também expresse as necessidades do projeto de EAD ao qual está atendendo, e que o seu trabalho seja realizado por meio de uma relação dialógica com os alunos. (CASTRO, 2012, p. s/p)

A conteudista Lúcia Maia concorda com o professor José Castro, pois acredita que “é preciso que o professor conteudista construa sua formação baseada na pesquisa atuante, dialógica visando à aprendizagem de saberes conjuntamente construído e não apenas na aquisição unidirecional” (MAIA, 2012, p. s/p).

De acordo com os entrevistados, o professor conteudista deve estabelecer o diálogo com os alunos para valorizar as experiências deles na criação e no desenvolvimento de um curso na modalidade de educação virtual. Neste sentido,

concordam com o educador Paulo Freire em relação à importância da educação problematizadora baseada na dialogicidade e na discência, pois Freire afirma que:

Enquanto na prática bancária da educação, antidialógica por essência, por isto, não comunicativa, o educador deposita no educando o conteúdo programático da educação, que ele mesmo elabora ou elaboram para ele, na prática problematizadora, dialógica por excelência, este conteúdo, que jamais é depositado, se organiza e se constitui na visão do mundo dos educandos, em que se encontram seus temas geradores. (FREIRE, 2005, p.118 e 119)

Neste contexto, os conteudistas acreditam que a elaboração do material didático deve se dar ao longo do curso, no prazo determinado, a fim de que as necessidades e sugestões dos alunos sejam incluídas neste material. Deste modo, tornar-se-á possível identificar quem é o outro na EaD e como ele deve ser considerado na criação do conteúdo programático.

A respeito da reformulação do conteúdo das disciplinas por meio do hipertexto, a professora conteudista Maria Martins considera que:

...com o uso de hipertextos o conteúdo predefinido sofre alteração e é construído de forma colaborativa ao longo do curso. Para que a escrita hipertextual ocorra de forma bem sucedida, é preciso conhecer o perfil de dos educandos que serão o público alvo da disciplina para que o texto atenda às necessidades dos mesmos. (MARTINS, 2012, p. s/p)

Contudo, 80% dos professores entrevistados disseram que as necessidades e as sugestões dos alunos não são usadas na reformulação do conteúdo das disciplinas e não são feitas atualizações de conhecimentos por meio da incorporação de outros links ou hipertextos durante a realização da disciplina devido às questões burocráticas e ao tempo restrito.

Neste sentido, duas características importantes do hipertexto são desprezadas, ou seja, a interatividade e capacidade de atualização constante não são empregadas para proporcionar a construção contínua dos conteúdos nem a autoria do educando no desenvolvimento do material didático.

Em decorrência disso, constata-se que a preocupação com o conteúdo prevalece sobre os aspectos pedagógicos e sobre a influência das diversas formas de comunicação no processo de ensino-aprendizagem. O conteudista estrutura o conteúdo de acordo com o projeto pedagógico do curso, contudo, não realiza

mudanças no conteúdo das disciplinas no decorrer do curso, assim, este material pode se distanciar das reais necessidades dos educandos surgidas durante o processo de ensino-aprendizagem.

Neste sentido, destaca-se a aproximação da prática destes professores com a educação bancária criticada por Paulo Freire, em que o educador deposita os conteúdos curriculares de forma vertical e sem participação do educando.

Paulo Freire considera que aquele que se preocupa mais com a transmissão de informações é um educador bancário, pois faz depósitos de conteúdos no educando. Assim, este apenas absorve os conteúdos, mas não constrói uma visão emancipadora de mundo, já que não desenvolveu consciência crítica sobre os conhecimentos ministrados.

Para Freire (2005) a educação bancária transforma os educandos em vasilhas, em bancos que devem apenas receber os depósitos do educador, Freire afirma:

Quanto mais vá 'enchendo' os recipientes com os seus 'depósitos', tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente 'encher', tanto melhores educandos serão. [...] Eis aí a concepção 'bancária' da educação em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. (FREIRE, 2005, p. 58)

Para Freire (1979), a desvalorização dos aprendizes no processo de formação, visa transformar o ser humano em meros objetos e não sujeitos da construção de novos conhecimentos. Tal atitude é denominada por Freire de *que-fazer*, que seria uma educação desprovida de diálogo, bancária e opressora.

Neste sentido, Freire considera que o ato de construção do conhecimento se dá nas relações entre os sujeitos e não pode ocorrer por meio de depósitos. De acordo com autor, a conquista do conhecimento exige uma presença curiosa e ativa do sujeito. Freire acredita que a educação:

...Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o como de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato. (FREIRE, 1979, p. 27)

Segundo este autor, a pedagogia dialógica e libertadora não pode prescindir da comunicação interativa entre todos os envolvidos no processo educativo. Neste contexto, Freire propõe uma educação baseada na dodiscência, em que é necessário que educador e educando sejam coprodutores do conhecimento.

Deste modo, estabelece-se a dialogicidade no processo educativo para que todo o conhecimento seja permeado pelo contexto histórico e político do educando. Assim, segundo Freire (1979, p 28) “... é necessário que, na situação educativa, educador e educando assumam o papel de sujeitos cognoscentes, mediatizados pelo objeto cognoscível que buscam conhecer”.

Assim, Freire enfatiza que no processo de ensino-aprendizagem, há que se considerar, de modo filosófico e humanista, como ocorrem as relações do ser humano com seus semelhantes e com o mundo, considerando-o como um ser de relações, inteligente, possuidor de necessidades, crenças e hábitos próprios que são capazes de serem aprimorados a partir de uma postura reflexiva e crítica.

Desta forma, prioriza a dialética no processo educativo, para tornar o aluno sujeito do seu conhecimento e agente transformador da realidade em que se insere. Para este autor, o educando tem que ser valorizado como um ser da “práxis” capaz de aprender e apreender conceitos, técnicas e comportamentos de forma consciente e ativa para, além de adaptar-se, transformar a sua realidade por meio de seus conhecimentos e das suas práticas conscientes.

Freire (2005) analisou a interdependência entre diálogo, comunicação, educação e conscientização. Para Paulo Freire somente o diálogo comunica, logo, é necessário uma pedagogia para lidar com a comunicação, com a qual se possa vencer o desamor do antidiálogo. Assim, abrem-se espaços para levar as pessoas a refletirem sobre a sua realidade e buscarem mudanças para torná-la mais justa por meio de ideias e práticas revolucionárias. Freire afirma que:

Somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz também de gerá-lo. Sem ele não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação. A que, operando a superação da contradição educador-educando, se instaura como situação gnosiológica, em que os sujeitos incidem seu ato cognoscente sobre o objeto cognoscível que os mediatiza. (FREIRE, 2005, p. 96)

Deste modo, a partir da proposta pedagógica de Paulo Freire é possível reinventar a educação em rede. Já que oferece subsídios para se estudar e encontrar respostas e explicações para questões atuais ligadas à modalidade de educação virtual, para problematizar o *que-fazer* ou *quefazer* adotado pelo conteudista no uso do hipertexto no processo educativo virtual.

Em consequência disso, a modalidade virtual de educação não pode prescindir de uma reflexão a respeito do papel destes professores, quem eles são, o que pensam, como são formados, quais são as interações que estabelecem com os educando e quais suas carências a respeito desta nova forma de educar.

Neste sentido, Gomez (2004) estuda a educação em rede a partir da filosofia freiriana e desenvolve uma pedagogia que busca a educação que leve à solidariedade humana, em que os educadores sejam formados para ir além da apropriação mecânica das tecnologias, ou seja, para serem capazes de refletir sobre o uso delas na construção da educação emancipadora em rede.

Deste modo, Gomez (2004) enfatiza que para entender as implicações da internet na educação, segundo a perspectiva freiriana, é preciso analisar a presença da rede rizomática na cultura atual. Gomez (2004, p. 50) afirma que “às várias concepções de rede, pode corresponder um modo de ser/estar, um tipo de compreensão do mundo e um estilo de comunicação educativa”. Assim, a dimensão rizomática responde à heterogeneidade e à complexidade da construção do conhecimento por meio do hipertexto.

Neste sentido, Gomez (2004) propõe uma nova concepção de educação, realizada no ciberespaço, sustentada por meio da “pedagogia da virtualidade”. Esta nova pedagogia estaria apoiada na apropriação tecnológica a partir dos princípios da educação popular, que objetiva o encaminhamento para a conformação de uma sociedade aberta e democrática que, por sua vez, deva sustentar-se na ética e na vontade política dos sujeitos.

Por meio da pedagogia da virtualidade o educador pode identificar e respeitar as diferenças culturais, sociais, linguísticas e experienciais dos alunos para agir em conjunto com eles no ensino-aprendizagem. É possível estabelecer uma comunicação educativa capaz de tornar as práticas pedagógicas e os conteúdos curriculares mais significativos para os alunos.

Assim, enfatiza a necessidade de maior preparação e da formação continuada dos professores para o trabalho com a produção de conteúdos por meio do hipertexto na educação. Gomez (2004) afirma:

Um dos eixos básicos da formação de professores, na proposta freiriana, é a apropriação dos avanços científicos e dos conhecimentos humanos que contribuem com a qualidade social da escola. Por isso, revisitar a própria prática para pensar a utilização da rede informática na escola é coerente com o sonho de se fazer uma escola de qualidade para uma cidadania crítica. (GOMEZ, 2004, p. 66)

Em consequência disto, o professor conteudista precisa atuar de forma dialógica com todos os envolvidos no planejamento, implementação e avaliação relativa à educação virtual. Ele deve se atentar à escrita do texto, às linguagens usadas, ao contexto e às necessidades dos alunos do curso. Gomez afirma que:

A qualidade da educação em rede está na socialização e solidariedade entre as dimensões técnicas, humanas e de conhecimento, que permitem ao educador projetar-se, manifestar-se e existenciar-se na esfera virtual, um espaço de fala, leitura, escrita, deliberação e realizações. (GOMEZ, 2004, p. 183)

Assim, ao perceber o andamento do processo educativo e refletir sobre a sua ação, o professor conteudista pode se tornar um agente da educação libertadora idealizada e promovida por Paulo Freire. Ele pode estabelecer uma relação entre o conteúdo e as contribuições dos alunos no decorrer do curso para que questões inerentes às disciplinas e às necessidades psicossociais dos alunos podem ser sanadas e também podem proporcionar muitos conhecimentos para os educadores e teóricos da educação virtual.

A partir dos estudos de Gomez (2004), do filósofo Pierre Levy, da filosofia freiriana e das considerações dos professores conteudistas entrevistados, constatou-se que o uso do hipertexto na educação virtual possibilita que as relações entre todos os agentes do processo educativo se estreitem e produzam resultados positivos que levariam à educação emancipadora.

Deste modo, tais relações passam a ser permeadas pela conscientização e por isso podem produzir conteúdos significativos para os aprendizes, estes que

passam a ser desenvolvidos no decorrer do curso tanto para complementar o conteúdo estabelecido ou para modificá-lo.

Neste contexto, o processo educativo torna-se mais dinâmico e flexível, deixando de ser baseado somente em conteúdos estáticos para se construir na interação de educador, educando e demais profissionais da equipe multidisciplinar. Assim, o material didático abre-se e por isso, torna-se uma fonte inesgotável de conhecimento e uma ponte para a intervenção consciente no processo educativo e na vida em sociedade.

CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tecer estas considerações finais, temos consciência de que a Comunicação e a Educação estão imbricadas e que o diálogo no processo educativo promove a construção coletiva do conhecimento e a formação para a cidadania. Desde as motivações iniciais que originaram esta pesquisa, buscaram-se estudar as relações entre estas duas áreas com a intenção de colaborar na construção de uma educação virtual pautada no *quefazer* dialógico e emancipador a partir do uso da rede hipertextual.

O referencial teórico baseado em Paulo Freire nos permitiu estudar as relações entre Educação e Comunicação na formação para a cidadania na cultura digital por meio das seguintes categorias: dialogicidade, educação bancária, didiscência e quefazer. Obras deste autor e da freiriana Margarita Victória Gomez, que nos remetem à educação em rede e à pedagogia da virtualidade, foram estudadas para pensar o uso pedagógico do hipertexto na educação superior a distância. O filósofo Pierre Levy foi outro referencial que nos possibilitou compreender como o hipertexto atua na construção democrática do conhecimento e na inteligência coletiva.

Encontramos ao longo desta pesquisa, que o educador tem uma nova forma dialógica de lidar com a elaboração e disposição dos conteúdos curriculares do material didático nos cursos virtuais. Constatou-se que os professores conteudistas podem usar o hipertexto para tornar mais interativo e democrático o processo educativo por meio de linguagens e de tecnologias que facilitam a comunicação e a construção significativa dos conhecimentos.

Neste sentido, o hipertexto torna-se um meio que abre múltiplos caminhos para a produção de saberes e possibilita a conscientização política. Ele coloca ao alcance global o que é produzido por quem está conectado à rede independente da raça, classe social, etnia ou qualquer diversidade de origem sociocultural e econômica. Assim, é um meio que permite ao aluno pesquisar, trocar experiências, ensinar, aprender, protestar e encontrar soluções para as inquietações e problemas pessoais, de classe, nacionais e internacionais ligados à vida em sociedade.

Verificou-se que a rede hipertextual pode contribuir com a atuação do professor conteudista na busca pela educação virtual emancipadora devido às características democráticas de seus 06 princípios: metamorfose, heterogeneidade, multiplicidade e encaixes das escalas, exterioridade, topologia e mobilidade dos centros. Estes princípios contribuem para o fortalecimento do diálogo entre educador e educando e entre os próprios educandos por meio da comunicação horizontal que permite a troca de experiências e a construção de conhecimentos de forma significativa e politizada.

Desta forma, seus princípios abrem espaço para a educação libertadora, defendida por Paulo Freire, porque permitem a adoção do *quefazer* emancipador que promove a valorização do saber de quem ensina e de quem aprende, já que contribuem para a relação dialógica contrária à opressora e bancária. Além disso, cada um dos princípios do hipertexto possui características que favorecem a construção da inteligência coletiva no espaço educativo.

Assim, o professor conteudista pode usar o hipertexto para instaurar a dialogicidade e promover o estudo dos conteúdos de forma mais interativa e criativa, reconhecendo o seu compromisso de apropriar-se dos avanços tecnológicos do seu tempo para contribuir com a elevação da qualidade da educação em rede.

Neste contexto, a organização hipertextual do processo de educativo na modalidade EAD pode fazer a educação virtual bancária dar lugar à educação libertadora, pois tal estrutura é dialógica e democrática, logo atende às necessidades dos educandos e dos educadores.

Em decorrência disto, os educadores da modalidade virtual podem motivar os educandos a adotarem uma posição ativa, questionadora e colaborativa diante dos conteúdos curriculares, a fim de que estes sejam construídos e reconstruídos por meio da pesquisa, pela coautoria e por meio da busca por respostas e soluções para as reais necessidades dos educandos.

Contudo verificou-se, nesta pesquisa, que os educadores ainda não usam todos os recursos do hipertexto e a filosofia que o sustenta para construir uma educação interativa. Percebeu-se que sua ação docente, sobre os usos e as noções do hipertexto na educação virtual, enfrenta obstáculos que começam com a

conscientização docente acerca da necessidade de substituir a postura centralizadora de conhecimento pela postura multicultural e mediadora.

Uma das maiores características do hipertexto é desprezada, ou seja, a interatividade não é empregada para proporcionar a construção contínua do material didático nem a coautoria do educando no desenvolvimento do mesmo. Neste sentido, considera-se que a supervalorização dos conteúdos dificulta a construção da educação emancipadora no meio hipertextual, já que estes por serem previamente elaborados e fixos, tornam-se mais importante do que o processo educativo.

Tal realidade precisa ser mudada para que a construção do conhecimento no ciberespaço ocorra por meio das relações entre os sujeitos, direta ou indiretamente, envolvidos no processo educativo. Por isso, o material didático das disciplinas não pode ser estático, mas sim, aberto a mudanças geradas pela reflexão, pelo diálogo e pela interação entre educando e educador.

Ficou evidente, a necessidade de reflexão por parte dos professores conteudistas sobre o modelo pedagógico usado para estruturar o processo educativo virtual. Ou seja, este processo educativo deve abrir espaço para que os alunos interfiram e colaborem na construção dos conteúdos a serem estudados nas disciplinas.

Os professores conteudistas, devem pensar e agir para além dos conteúdos ao elaborar o material didático. Eles precisam levar em consideração que a educação em rede é um ato político e que aqueles que aprendem na modalidade virtual vão atuar também no mundo presencial/atual, por isso precisam desenvolver capacidades que os tornem cidadãos politizados, conscientes e socialmente atuantes e não somente especialistas em determinados assuntos.

Neste contexto, a pedagogia da virtualidade, que visa à construção da educação libertadora por meio da comunicação em rizoma, deve ser explorada no processo educativo para que os professores conteudistas deixem de fabricar pacotes de conteúdos para depositarem nos alunos na educação virtual.

Tal pedagogia visa a dialogicidade no processo educativo, ou seja, o ensino e a aprendizagem estruturados pela comunicação e pelo *quefazer* emancipador. Propõe a mediação do professor e a participação ativa dos alunos no processo

educativo, considerando a troca de experiências como condição imprescindível à aquisição dos conhecimentos por parte do educando, assim como ao desenvolvimento profissional do educador.

Da mesma forma, a partir desta pedagogia, os educadores e os educandos podem refletir sobre o uso ético e político da rede hipertextual na educação, buscando adotar métodos e práticas libertadoras, capazes de contribuir para o ensino-aprendizagem e principalmente para a formação do ser humano para viver e conviver de forma mais digna e justa na sociedade da informação e do conhecimento.

Em consequência disso, coloca-se ao professor conteudista, como comunicador e educador, o desafio de adotar uma proposta hipertextual de educação em que o conteúdo seja produto das relações entre docentes e discentes e não feito previamente para ser consumido.

Neste sentido, torna-se imprescindível repensar as funções do professor conteudista para que ele possa articular a sua atuação de uma forma que possibilite a construção da educação libertadora no ciberespaço. Assim, o processo educativo poderá ser voltado para a formação integral do ser humano, para prepará-lo intelectualmente para a vida profissional e para torná-lo consciente diante das suas responsabilidades enquanto indivíduo e ser social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Referenciais de qualidade para a educação a distância**. Brasília, 2007. Disponível em: [/http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/referenciaisead.pdf](http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/referenciaisead.pdf). Acesso em abril de 2012.

BELLONI, Maria Luíza; BÉVORT, Evelyne. Mídia-Educação: conceitos, história e perspectivas. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em Abril de 2012.

BELLONI, Maria L. **O que é Mídia-Educação**. Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. **A formação da sociedade do espetáculo**. São Paulo: Loyola. 2002.

Boletim da Cátedra UNESCO em Educação a Distância. Disponível em: <http://www.fe.unb.br/acontece/noticias/boletim-da-catedra-unesco-de-educacao-a-distancia> Acesso em abril de 2012.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação: linguagem em movimento**. 3. Ed. São Paulo: SENAC, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Extensão ou comunicação**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 34. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

GOMEZ, Margarita Victoria. **Educação em rede: uma visão emancipadora**. São Paulo: Cortez, 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

MORAN, José Manuel. **O que é educação a distância?** Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/Moran/dist.htm>>. Acesso em abril de 2012.

OLIVEIRA, Carmen Lúcia de Araújo Paiva; MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. O trabalho docente na educação online. **Revista de Educação Matemática e Tecnológica Ibero-americana**. Vol. 1, No 1 (2010) Disponível em <<http://www.repositorios.ufpe.br/index.php/emteia/article/viewFile/4/4>> Acesso em abril de 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal**. São Paulo, Iluminuras, 2005.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação – contribuições para a reforma do Ensino Médio**. São Paulo: 2011.

XAVIER, Antônio Carlos. **A era do hipertexto: linguagem e tecnologia**. Recife: UFPE, 2009.

XAVIER, Antônio Carlos; MRCUSCHI, L. Antônio. **Hipertexto e gêneros digitais**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL, Secretaria de Educação a Distância – SEED/MEC (2007). **Regulamentação da educação a distância no Brasil**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/>>. Acesso em abril de 2012.

BRASIL. Presidência da República. Decreto nº 5.800, de 8 de junho de 2006. **Universidade Aberta do Brasil**. Disponível em: <<http://www.uab.capes.gov.br/index.php>> Acesso em abril de 2012.

BARRETO, Raquel Goulart. **As tecnologias na política nacional de formação de professores a distância: entre a expansão e a redução**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 29, n. 104, p. 919-937, out. 2008.

BENTES, Anna Christina; REZENDE, Renato Cabral. Texto: conceitos, questões e fronteiras [con] textuais. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **[Re]discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 19-46.

BERLO, David K. **O processo de comunicação**: introdução à teoria e à prática. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BIELSCHOWSKY, Carlos E. **Banda Larga nas escolas públicas urbanas brasileiras**. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000014152.pdf>>. Acesso em abril de 2012.

COSTA, José Celso da. Modelos de educação superior a distância e implementação da Universidade Aberta do Brasil. **Revista Brasileira de Informática na Educação**. v. 15, n. 2, maio/ag. 2007.

COSTA, José Celso da; PIMENTEL, Nara Maria. O sistema Universidade Aberta do Brasil na consolidação da oferta de cursos superiores a distância no Brasil. ETD. **Educação Temática Digital**, Campinas, v.10, n.2, p.71-90, jun. 2009.

CRUZ, Telma Maria da. **Universidade Aberta do Brasil**: implementação e previsões. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de Brasília, 2007. 155 p.

DOURADO, Luiz Fernandes. Políticas e gestão da educação superior a distância: novos marcos regulatórios? **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 104, p. 891-917, out. 2008.

DOURADO, L. F. et al. Transformações recentes e debates atuais no campo da educação superior no Brasil. In: Dourado, et al. **Políticas e gestão da educação superior**: transformações recentes e debates atuais. São Paulo: Xamã, 2003, p. 17-30.

FERRARI, Pollyana, et al. **Hipertexto, hipermídia:** as novas ferramentas da comunicação digital. São Paulo: Contexto, 2010.

FERNANDES SAAD, Pedro. **O estudo do papel potencializador da educação a distância na democratização do acesso à educação superior no Brasil.** Dissertação (Mestrado) Programa de Estudos Pós-Graduados em Administração, Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, PUC-SP, 2010.

FERNANDES, Antônio Sérgio Araújo; NOVAIS, Sueli Menelau de. A institucionalização do ensino a distância no Brasil: o caso da Graduação em Administração na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). **Revista de Ciências da Administração.** v. 13, n. 29, p. 173-201, jan/abr 2011.

FREITAS, Helena C. L. A (nova) política de formação de professores: a prioridade postergada. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1203- 1230 2007.

GOMEZ, Margarita Victoria. **Cibercultura, formação e atuação docente em rede:** guia para professores. Brasília: LiberLivro, 2010. V. 1500. 159 p.

ISAIA, S. M. A. Desafios à docência superior: pressupostos a considerar. In: RISTOFF, D.; SEVEGNANI, P. **Docência na educação superior.** Brasília: INEP, 2006. p.65-86.

LEMO, André. **Cibercultura:** tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LÉVY, Pierre. **As árvores de conhecimento.** São Paulo: Escuta 2008.

_____. **Ciberdemocracia.** Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

LIMA, Venício A. de. **Comunicação e cultura:** ideias de Paulo Freire. 2 ed. Brasília: UNB: Perseu Abramo, 2011.

LITTO, Fredric M. O retrato frente/verso da aprendizagem a distância no Brasil 2009. **ETD - Educação Temática Digital**. Campinas, v. 10, n. 2, 2009.

MARQUES DE MELLO, José. Et al. **Educomídia, alavanca da cidadania: o legado utópico de Mário Kaplún**. São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

MONEREO, César; COLL, Carles. **Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias de informação e comunicação**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MORAN, José Manuel. **Contribuições para uma pedagogia da educação on-line**. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/contrib.htm>. Acesso em abril de 2012.

MELO, Pedro Antônio et al. **A educação a distância como política de expansão e interiorização da educação superior no Brasil**. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/view/12190>> Acesso em: 10 set.2011.

MERCADO, Luiz Paulo Leopoldo. **Percursos na formação de professores com tecnologias da informação na educação**. Maceió: EDUFAL, 2007.

MONTEIRO, Simone; VARGAS, Eliane. **Educação, comunicação e tecnologia educacional: interfaces com o campo da saúde**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

NEDER, Maria Lúcia Cavall. **A formação do professor a distância: desafios e inovações na direção de uma prática transformadora**. Mato Grosso: UFMT, 2009.

RANGEL, Mary; FREIRE, Wendel. **Ensino-aprendizagem e comunicação**. Rio de Janeiro: WAK, 2010.

RIBEIRO, Luis Roberto de Camargo et al. Ensino superior, tutoria online e profissão docente. **Reflexão & Ação**, Vol. 17, No 2, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. 4.ed. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. O novo estatuto do texto nos ambientes de hipermídia. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **[Re]discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 47-73.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e educação**. São Paulo: Contexto. 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Educação, sujeito e história**. São Paulo: Olho d'Água, 2002.

SOARES, Suely Galli. **Educação e comunicação**: o ideal de inconclusão pelas tecnologias de informação: otimismo exacerbado e lucidez pedagógica. São Paulo: Cortez. 2006.

_____. **Sociedade da informação ou da comunicação?** São Paulo: Cidade Nova, 1996.

WOLF, Mauro. **Teoria da comunicação de massa**. Tradução: Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ANEXOS

ANEXO I

Questionário sobre os usos e as noções do hipertexto no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)

DADOS RELATIVOS À IDENTIFICAÇÃO E FORMAÇÃO DOS PARTICIPANTES

1- Idade;

2- Sexo.

3- Formação: 1º Graduação

* Pública;

* Privada.

Especifique a formação:

4- Formação: 2º Graduação

* Pública;

* Privada.

5- Formação: Especialização

* Pública;

* Privada.

6- Outra formação: (especifique)

7- Professor - Atuação principal (Marque uma ou mais opções)

- * Educação Infantil;
- * EF1 - Ensino Fundamental I;
- * EF2 - Ensino Fundamental II;
- * Ensino Médio;
- * Educação superior.

8- Se você trabalha em Escola (Marque uma ou mais opções).

- * Pública;
- * Privada;
- * Outra.

9- Se você não trabalha em Escola – especifique o local de trabalho:

DADOS RELATIVOS AO USO DO HIPERTEXTO NO AMBIENTE VIRTUAL (AVA)

10- O Senhor (a) usa o hipertexto nas aulas virtuais?

- * Sim;
- * Não.

11- Que tipo de conteúdos o hipertexto lhe permite trabalhar (marque 1 ou mais alternativas): *

- * Conceitual;
- * Procedimental;
- * Atitudinal.

12- Os hipertextos usados no conteúdo das aulas virtuais ancoram mídias ligadas à linguagem (marque 01 ou mais alternativas):

- * Verbal escrita;

- * Verbal falada;
- * Visual.

13- O (a) senhor (a) usa o hipertexto para que possa desenvolver (marque 01 ou mais alternativas):

- * Escrita, leitura e consulta ao mesmo tempo;
- * Integração de documentos para servir como suporte à escrita;
- * Somente escrever;
- * Somente ler.

14- O hipertexto é usado para fornecer ao aluno (marque 01 ou mais alternativas):

- * Checagem das informações oferecidas nas aulas;
- * Ampliação de conhecimento sobre o conteúdo das aulas virtuais;
- * Construção de conhecimento individualmente;
- * Construção de conhecimento coletivamente.

15- O hipertexto é usado para a escrita colaborativa entre os alunos por meio de (marque 01 ou mais alternativas):

- * Fórum;
- * Chat e e-mail;
- * Blogs;
- * Wiki;
- * Google docs.

16- Os meios hipertextuais da questão anterior são usados para conhecer as necessidades e as sugestões do público quanto à reformulação do conteúdo das disciplinas? Quais e de que forma?

* Sim;

* Não.

Justifique

17- No decorrer do ensino-aprendizagem de sua disciplina, são feitas atualizações de conhecimentos por meio da incorporação de outros links ou hipertextos?

* Sim;

* Não.

18- O senhor (a) usa a escrita hipertextual para promover a criatividade e manter o potencial de desenvolvimento de projetos ligados ao conteúdo da disciplina? De que forma?

* Sim;

* Não.

Justifique

19- O senhor usa o hipertexto para proporcionar ao aluno trabalhar com a simulação na aprendizagem prática?

* Sim;

* Não.

DADOS RELATIVOS ÀS NOÇÕES SOBRE O HIPERTEXTO NO AMBIENTE VIRTUAL (AVA)

20- O que o (a) senhor (a) entende por hipertexto:

* Texto eletrônico;

* Texto eletrônico disponível na internet;

* Texto estruturado por meio de links que abrem caminhos para outros textos e hipertextos conectados à rede.

21- Nos hipertextos, os links representam (marque 01 ou mais alternativas):

* Ideia motriz do hipertexto, pois abre caminhos para inúmeras possibilidades de navegação;

* Acessórios para deixar a páginas mais agradáveis esteticamente;

* Palavras destacadas devido a sua importância no texto e contexto.

22- Em média uma página de hipertexto deve possuir:

* Apenas 01 link;

* De 02 a 05 links;

* De 05 a 10 links;

* Mais de 10 links.

23- O hipertexto é apropriado para a alfabetização digital porque permite (marque 01 ou mais alternativas):

* Criação de novas formas de ler e interpretar;

* Aprimoramento da escrita e da leitura dos alunos;

* Formar nos alunos competências para o uso das mídias;

* Formação de alunos pesquisadores e críticos diante do ensino-aprendizagem e da produção de conhecimentos;

* Organização e arquivo das informações;

* Formação de bons escritores.

DADOS RELATIVOS AO CONTEUDISTA QUE USA O HIPERTEXTO NO AMBIENTE VIRTUAL (AVA)

24- Como começou ou porque escolheu ser conteudista?

25- O (a) Senhor (a) considera mais apropriado utilizar mais qual tipo texto para as aulas virtuais?

- * Texto em PDF;
- * Textos digitalizados
- * Textos eletrônicos;
- * Hipertexto.

26- O uso do hipertexto no conteúdo das aulas virtuais é voltado para (marque 01 ou mais alternativas):

- * Leitura a respeito do conteúdo ensinado;
- * Pesquisa exploratória complementar;
- * Escrita;
- * Fonte bibliográfica referente ao conteúdo das aulas virtuais;
- * Para trabalhar a intertextualidade.

27- Há quantos anos o (a) Senhor (a) é conteudista?

- * Até 01 ano;
- * De 02 a 04 anos;
- * De 05 a 07 anos;
- * De 8 a 10 anos;
- * De 11 a 12;
- * Mais de 12 anos.

28- Em sua opinião, os alunos gostam de hipertextos baseados em qual linguagem?

29- O senhor (a) considera o hipertexto como uma nova forma de construir conhecimento? Justifique.

30- Quais dificuldades o (a) Senhor (a) tem para escrever por meio do hipertexto (marque 01 ou mais alternativas):

- * Ausência de conhecimento técnico sobre informática;
- * Volume grande de informações a serem interligadas;
- * Ausência de uma metodologia clara;
- * Ausência de objetivo claro do curso específico;
- * Falta de oportunidade de aprender a desenvolver conteúdo por meio do hipertexto.

31- O hipertexto é estruturado com a finalidade de permitir (marque 01 ou mais alternativas):

- * A pesquisa;
- * Formação de leitores críticos;
- * Leitores que saibam onde buscar o conteúdo na rede;
- * Alunos que sejam capazes de ler e escrever de forma atenta, crítica e emancipadora;
- * Que os alunos aprendam todo o conteúdo.

32- Em sua opinião, em relação ao conteúdo das aulas virtuais, os leitores do hipertexto (marque 01 ou mais alternativas):

- * Tiram dúvidas, assimilam melhor o conhecimento estudado nas aulas virtuais e são capazes de construir conhecimento;
- * Percebem que a internet pode auxiliar nos estudos;
- * Ficam perdidos e não conseguem realizar a leitura, tampouco a escrita hipertextual;

- * Se envolvem mais com o conteúdo ensinado e traz importantes contribuições para todos os outros alunos;
- * São incapazes de construir conhecimento qualquer tipo de conhecimento por meio do hipertexto.

ANEXO II

Carta convite ao entrevistado (a)

Prezado (a) professor (a):

Sou Luciana da Silva, aluna do programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (UNINOVE) São Paulo-SP. Tenho o prazer de convidar o (a) Sr(a) para participar da minha pesquisa de dissertação de mestrado: “Usos e noções do hipertexto no ambiente virtual de aprendizagem: análise a partir da visão dos professores conteudistas que atuam na educação superior”.

A pesquisa tem como objetivo analisar usos e noções do hipertexto no ambiente virtual de aprendizagem a partir da visão dos professores conteudistas do curso X oferecido na modalidade a distância filiado à Universidade Aberta do Brasil (UAB). Especificamente, indagar-se-á junto aos professores nomeados de conteudistas (os profissionais que desenvolvem os materiais dos conteúdos de estudo das disciplinas do curso) quais os conhecimentos possuem para a escrita e leitura hipertextual e como pensam e utilizam essas noções na elaboração de conteúdos para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos no AVA.

Com esse fim convido o (a) Senhor (a) a participar dessa pesquisa respondendo o questionário. Os dados são confidenciais destinam-se exclusivamente a esta investigação e servirão para a sistematização e a análise desse trabalho. Os docentes que responderem ao questionário serão listados como participantes, mas manteremos em sigilo a identidade, assim como o nome da instituição de ensino, caso seja necessário.

Esperamos incluir as suas opiniões e posteriormente compartilhar os resultados. Por favor, em caso de dúvida ou qualquer esclarecimento, entrar em contato.

Atenciosamente,

Luciana da Silva

Aluna do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (UNINOVE)